

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Josiane de Assis Bueno

“É PELO CORPO QUE SE RECONHECE A VERDADEIRA NEGRA?”
Uma análise antropológica sobre a corporalidade negra feminina na cidade de
Porto Alegre

Porto Alegre

2017

Josiane de Assis Bueno

“É PELO CORPO QUE SE RECONHECE A VERDADEIRA NEGRA?”
Uma análise antropológica sobre a corporalidade negra feminina na cidade de
Porto Alegre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ceres Gomes Víctora

Linha de pesquisa: Antropologia Social

Porto Alegre
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Bueno, Josiane de Assis
É PELO CORPO QUE SE RECONHECE A VERDADEIRA NEGRA?"
Uma análise antropológica sobre a corporalidade negra
feminina na cidade de Porto Alegre / Josiane de
Assis Bueno. -- 2017.
117 f.
Orientador: Ceres Vitoria.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Corporalidade. 2. Subjetividade. 3. Mulheres
Negras. 4. Etnicidade. I. Vitoria, Ceres, orient.
II. Título.

Josiane de Assis Bueno

“É PELO CORPO QUE SE RECONHECE A VERDADEIRA NEGRA?”
Uma análise antropológica sobre a corporalidade negra feminina na cidade de
Porto Alegre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ceres Gomes Víctora (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Arlei Sander Damo
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFRGS

Profa. Dra. Laura Cecília López
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – Unisinos

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao grupo Gurias Crespas e Cacheadas por ter sido muito bem recebida desde o princípio e também por sempre colaborar com meu trabalho de pesquisa, deixando-me à vontade e sempre sendo muito disponível e acessível. Agradeço, principalmente, às minhas três interlocutoras por aceitarem fazer parte da pesquisa e por trazerem histórias tão pessoais para este estudo.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela oportunidade de cursar o mestrado e pelos ensinamentos recebidos durante o tempo de curso. Agradeço também aos professores do Programa pela dedicação e empenho no ensino e na pesquisa.

À minha orientadora Ceres Gomes Víctora que, além de ser uma pessoa incrível, também se mostrou uma orientadora incansável, crítica e muito criativa. Sem dúvida a orientação que recebi durante o tempo de curso foi fundamental para a construção e para os rumos do trabalho de pesquisa. Agradeço também à professora Laura Cecília López e ao professor Sérgio Batista da Silva, por aceitarem compor a banca. Ao professor Arlei Sander Damo que, além de compor a banca, ministrou a disciplina de Antropologia Econômica no ano de 2015, o que me ajudou a pensar sobre algumas questões relativas ao tema do consumo, o qual se tornou parte integrante do problema de pesquisa.

Aos integrantes do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS), pelas reuniões, dicas, sugestões e leituras em diferentes etapas do trabalho. Em especial às colegas Juliana Deprá Cuozzo e Alessandra Rivero Hernandez por acompanharem o trabalho desde o início e por serem colegas tão prestativas.

Às minhas amigas queridas, colegas de graduação e de mestrado: Julia dos Santos Cardoni e Larissa Cykman de Paula, por serem parceiras em tempo integral e por sempre ajudarem em diversos momentos durante o curso de mestrado.

À minha família, por estar sempre ao meu lado, apoiando e respeitando as minhas decisões. Em especial à minha mãe, por me ajudar de diversas maneiras, sempre fazendo mais que o possível.

Ao meu companheiro de vida, Enzo, por compreender os momentos de ausência e por ser um incentivador durante a escrita da dissertação. Além de ser um namorado muito parceiro, desde de dezembro de 2016 tem sido um pai incrível.

Agradeço à vida pelo maior presente que já recebi, meu filho Yan, que alterou tudo nas nossas rotinas e trouxe mais felicidade e amor para as nossas vidas.

RESUMO

Nesta dissertação, resultado de um trabalho de pesquisa, busquei compreender de que maneira produtos escolhidos - seja para o cuidado da pele, dos cabelos, as roupas, os brinquedos, as revistas e até os programas de televisão - são capazes de impactar os modos de ser da mulher negra ao longo da vida. Para tanto, realizei trabalho de campo junto a um grupo de mulheres negras, conhecidas nas redes sociais como “Gurias Crespas e Cacheadas”, na cidade de Porto Alegre, na tentativa de conhecer o modo com que a corporalidade, a subjetividade e a etnicidade se articulam e produzem novas maneiras de ser e de estar no mundo. Os dados coletados nos espaços das redes sociais Facebook e WhatsApp, através de encontros presenciais e de entrevistas com participantes do grupo, são apresentados em permanente diálogo com a análise de materiais veiculados na mídia e bens de consumo que são referidos como importantes para as mulheres negras. Em diálogo com a bibliografia de referência, sugiro que o “corpo socialmente informado” é portador das histórias individuais e coletivas que orientam as formas de estar no mundo; ao mesmo tempo, a presença corporificada no mundo está constantemente imprimindo significados aos contextos em que está inserida. O que essa dissertação procurou mostrar é que o grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” faz um trabalho de mediação entre esses dois sentidos da corporalidade.

Palavras-Chave: **Corporalidade. Subjetividade. Etnicidade. Mulheres negras.**

ABSTRACT

This dissertation is the result of work of research that intends to understand the way the products are chosen – toward to care of the skin, of the hair, of the cloths, of the toys, the magazine and TV programs – are capable of to impact the ways of being of the black women throughout life. Was done field research with a group of black women, known as the social media as "Gurias Crespas e Cacheadas" in Porto Alegre City. The objective was to know the way that the corporeality, the subjectivity, and the ethnicity form new ways of being. The information was collected at spaces of the social media Facebook and WhatsApp, in face-to-face meetings and interview with the members of the group. These data are shown in dialogue with the analyses of materials and consumer goods that are important to black women. Acord to the bibliography of reference, the "social body informed" is to the bearer of individual and collective stories that direct the ways of being in the world; at the same time, the embodied presence in the world build meanings at the context. The dissertation tried to show that the group 'Gurias Crespas e Cacheadas' do mediation work between the senses of the corporeality.

Key-Words: Corporeality. Subjectivity. Ethnicity. Black Women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipos de Cabelos	22
Figura 2 – Boton Comemorativo do III Encontro das Gurias Crespas e Cacheadas.	24
Figura 3 – Parte do Mapa de Porto Alegre	27
Figura 4 – Linha “To de cacho” da Salon Line.....	37
Figura 5 – Linha “To de Cacho” Crespíssimo Poderoso	38
Figura 6 – “Milagre” da Lola Cosméticos.....	39
Figura 7 – “Eu sei o que você fez na química passada” da Lola Cosméticos	40
Figura 8 – “Meu cabelo, minha vida” da Lola Cosméticos.....	40
Figura 9 – Mulheres Africanas do Povo Khoisan.....	48
Figura 10 – Reprodução do Cartaz onde era Anunciada a Vênus Negra	49
Figura 11 – Mulheres Negras Trabalhando durante o Período Colonial	51
Figura 12 – Campanha Publicitária da Cerveja Devassa	51
Figura 13 – Todas as Gerações de Globeleza por Ordem de Sucessão	53
Figura 14 – Montagem com a Globeleza Naiara Justino.....	54
Figura 15 – Fantasia de “nega maluca” no Carnaval	55
Figura 16 – Barbie Negra Americana	67
Figura 17 – Barbie <i>Princess of South Africa</i>	67
Figura 18 – Henê Pelúcia.....	72
Figura 19 – Henê Fora da Embalagem	72
Figura 20 – Cabelos Antes e Depois do Relaxamento.....	73
Figura 21 – Fachada do Salão de Beleza Marujo	74
Figura 22 – Chapinha-quente, Pente-quente, Tesoura-quente e Tesoura quente	75
Figura 23 – Antes e Depois do <i>Mega-Hair</i>	76
Figura 24 – 1º Edição da Revista Raça Brasil.....	83
Figura 25 – 197º Edição da Revista Raça Brasil.....	85
Figura 26 – Revista Afro.....	91
Figura 27 – Relaxamento da <i>AfroHair</i>	92
Figura 28 – I Marcha do Orgulho Crespo na cidade de Porto Alegre.....	98
Figura 29 – Atriz Débora Secco Usando Turbante.....	99
Quadro 1 – Cabelos	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS - OS APRENDIZADOS DO TRABALHO DE CAMPO	19
2.1	OS ENCONTROS COLETIVOS – A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	26
2.1.1	A “HISTÓRIA DO CABELO”	29
2.1.2	O PIQUENIQUE	32
2.1.3	O AMIGO-SECRETO - O “NOSSO” CABELO E OS PRODUTOS “CORRETOS”	32
2.2	OUTRAS ATIVIDADES DE PESQUISA: APRENDENDO SOBRE OS PRODUTOS, SOBRE AS TÉCNICAS E SOBRE OS PROFISSIONAIS	34
3	O CORPO, O CABELO E O MUNDO	44
3.1	OS CORPOS NEGROS: VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO E RACISMO	47
3.2	A CENTRALIDADE DO CABELO – CONSTRUINDO UM CABELO “NATURAL”	57
3.3	A PALAVRA “ÉTNICO”	61
4	MEU PASSADO ME CONDENA	63
4.1	BARBIE, TUDO QUE VOCÊ QUER SER! - A INFÂNCIA	64
4.2	MINHA PRIMEIRA QUÍMICA - A ADOLESCÊNCIA	69
5	RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS!	79
5.1	A REVISTA RAÇA E A PRODUÇÃO DO CONSUMIDOR NEGRO NO BRASIL - OS BENS DE CONSUMO E MÍDIA	80
5.2	A ÁFRICA COMO REFERENCIAL - "DE QUE ÁFRICA ESTÁS A FALAR?"	89
5.3	MEU TURBANTE, MINHA COROA - A IDADE ADULTA	92
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

A escolha de um tema de pesquisa ocorre através de uma série de fatores que fazem parte da nossa vida. O universo material e simbólico que nos rodeia é responsável por nos levar a determinados assuntos de interesse e, nesse sentido, o tema escolhido para este estudo faz parte da minha vida pessoal há muito tempo. Na condição de mulher negra, as questões relacionadas ao corpo e à aparência fazem parte de minha trajetória desde criança.

No ano de 2013, durante o curso de Bacharelado em Ciências Sociais, realizei uma disciplina intitulada Afrodescendência e Cidadania no Brasil Contemporâneo, ministrada pela professora Denise Jardim, na qual discutimos questões raciais, levando em consideração os problemas e as dimensões do racismo em diversas esferas da sociedade brasileira atual. O meu trabalho final da disciplina consistiu em uma monografia que visava contemplar algum aspecto discutido durante o curso. Para tanto, minha proposta foi pensar nos cabelos enquanto elemento estético que diz respeito a determinadas identidades. Com o passar do tempo, a entrada no curso de mestrado em Antropologia Social me mostrou que os cabelos possuem formas de se comunicar, sendo elementos discursivos importantes nas trajetórias de vida das pessoas, especialmente na vida das mulheres negras.

O problema de pesquisa deste estudo consiste em saber de que modo os produtos escolhidos - seja para cuidado com a pele, com os cabelos, as roupas, os brinquedos, as revistas e até os programas de televisão - são capazes de impactar as subjetividades, as corporalidades e os modos de ser da mulher negra ao longo da vida. Com isso em mente, objetivei pensar como esses produtos estão construindo novos discursos e práticas sobre a própria etnicidade.

Para a realização desta pesquisa minha investigação envolveu a participação de um grupo de Facebook intitulado Gurias Crespas e Cacheadas. Criado no ano de 2013, tive acesso a ele através das redes sociais, e, à época, minha busca ocorreu por interesses e razões particulares, mas foram se transformando em interesses de pesquisa.

Para entrar no grupo e ter acesso a suas publicações diárias foi necessário solicitar a participação, e após dois ou três dias fui aceita e bem recebida por uma das administradoras. Tendo acesso ao que era postado diariamente, via Facebook, percebi que também os encontros presenciais eram parte fundamental do grupo, sendo marcados a cada dois ou três meses, geralmente em lugares ao ar livre. Assim, o trabalho de pesquisa transitou pelos dois cenários, nos quais o grupo se organizava: o primeiro, as redes sociais, inicialmente com o Facebook, e, mais tarde, com WhatsApp; o segundo diz respeito aos encontros presenciais realizados em lugares públicos, na cidade de Porto Alegre. O primeiro desses encontros do qual participei foi o “III Encontro das Gúrias Crespas e Cacheadas”, descrito no capítulo II desta dissertação.

Vale ressaltar nessa introdução que esse grupo de mulheres negras, foco da presente pesquisa, localiza-se na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Estado que, juntamente com Santa Catarina e Paraná, é conhecido pela presença da colonização europeia e pelas políticas de “branqueamento” do século XIX, que terminaram por “clarear” e “branquear” a população (GOMES; MUNANGA, 2006, p. 11-25), fazendo com que a percentagem de população considerada negra nos estados da região Sul fosse menor se comparada aos estados do Nordeste do Brasil¹. Nos estados do Sul a população autodeclarada negra e parda soma 21%; já, nos estados do Nordeste esse índice sobe para 70%, de acordo com os dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010. Mais do que isso, essa imagem do colono europeu, que ganhou importância por motivos políticos e econômicos, acabou por, de certa forma, trabalhar as representações sociais e os discursos sobre os habitantes dos estados do Sul. Em outras palavras, junto com o fato de o estado do Rio Grande do Sul ter contado com uma importante imigração europeia, a sua representação como um dos mais brancos do país contribuiu para a construção de uma distinção hierarquizante em relação ao restante do país. O conjunto desses dois fatores produziram ainda mais invisibilidade para a população negra do Sul. Acrescenta-se a isso o importante movimento de produção de identidade gaúcha, já descrita em estudos históricos e

¹ Dados do Censo Demográfico do IBGE, em 2010.

antropológicos², que enaltece a hierarquia entre gêneros com ênfase na virilidade do personagem mítico do gaúcho.

Nesse contexto histórico de dupla hierarquia, ou seja, de valorização dos brancos em relação aos negros e do homem em relação à mulher, torna-se instigante pensar por que um grupo de mulheres vem se reunindo, há mais de dois anos, em locais públicos de Porto Alegre para falar sobre os seus cabelos? Esse questionamento surgiu no sentido de compreender a importância de afirmar-se etnicamente em um contexto social, histórico e político que parece tão desfavorável, seja pela desigualdade de gênero ou pela distinção racial. Mas apesar desse contexto adverso, marcado pela produção de subalternidades, a população negra local nunca se submeteu a esse lugar de invisibilidade socialmente produzido, como mostram pesquisas antropológicas.

A visibilidade negra na cidade de Porto Alegre pode ser pensada não só em termos estéticos, mas também em termos sociais e econômicos, como indica a tese intitulada *Família e Ascensão Social de Negros em Porto Alegre*, da antropóloga Daisy Macedo de Barcellos. De acordo com a pesquisadora, mesmo com todas as dificuldades e exclusões, as famílias negras gaúchas conseguiram articular estratégias e mecanismos de ascensão, mobilidade e resistência, reconhecendo-se como negros naquele espaço-tempo, em meados da década de 1990. O trabalho da antropóloga aponta para o problema da identidade, referenciando o pertencimento que envolve questões de ordem de classe e étnico-racial, considerando, além das redes sociais familiares, os espaços de sociabilidade, onde a identidade se constrói e se atualiza (BARCELLOS, 1996, p. 4).

A questão dos negros na cidade de Porto Alegre também faz parte da dissertação de Mestrado de Fabiela Bigossi, intitulada *Trajetórias Universitárias: estudo etnográfico da construção de projetos de vida dos estudantes negros em Porto Alegre*, do ano de 2007, período anterior à implementação da política de cotas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A autora demonstra como se concretizam os projetos pessoais e familiares de ascensão através da passagem pela universidade. Nove interlocutores, de diferentes instituições de ensino superior, fizeram parte da pesquisa, mostrando que os projetos pessoais são constituídos de

² Ver Oliven, Ruben George: *A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*.

elementos objetivos e subjetivos e que os projetos de ascensão muitas vezes entram em conflito com a construção de um projeto familiar (BIGOSSO, 2009, p. 09).

Ambos os estudos consultados indicam a maneira com que a identidade negra está sendo construída na cidade de Porto Alegre. O destaque dado à questão geracional é fundamental, mas a importância do ingresso no ensino superior é também uma questão relevante; um grau mais elevado de escolaridade pode proporcionar mais oportunidades no mercado de trabalho formal e de ensino superior, maior acesso aos bens de consumo e ainda maior conscientização sobre algumas estruturas e relações de poder presentes nas relações cotidianas. Nos dois estudos, o ingresso no ensino superior aparece como um momento-chave para a reconstrução dessas identidades negras. Por fim, essas etnografias trazem apontamentos importantes sobre a mobilidade social e econômica da população negra nos últimos vinte anos no Rio Grande do Sul.

O presente estudo inspira-se e aproxima-se dessa tradição de refletir sobre a identidade e a visibilidade negra em Porto Alegre, especialmente no que diz respeito às formas de construção e reconstrução de subjetividades a partir de novos elementos da realidade social, entre os quais a escolaridade e o mercado formal de trabalho. Em relação à pesquisa de Barcellos, essa aproximação ocorre pela questão de identidade negra; e com a pesquisa de Bigossi, articula-se com questões que envolvem as novas formas de consumo.

Com essas preocupações no pano de fundo, na presente dissertação exploro o tema da construção de novas subjetividades negras na interseção com a corporalidade e com o gênero (feminino). Mais particularmente, tematizo o contexto de transformação da relação com o cabelo e como ele trabalha uma nova sensibilidade e novas formas de expressão de identidade de e para mulheres negras. Inspirada em discussões da Antropologia das Emoções indago sobre a conformação de novas formas de sentir e experienciar proporcionadas pelo convívio com o grupo *Gurias Crespas e Cacheadas*, sugerindo que existe um aprendizado que acontece pela convivência, que trabalha o corpo e os sentidos (considerados aqui de forma não dicotômica), capaz de subverter formas tradicionais de estar no mundo.

Esse aprendizado envolve o compartilhamento do que denomino, aqui, de nova gramática étnica, ou seja, de uma série de elementos discursivos que, ao

serem colocados em conjunto, conformam regras de como falar e sentir positivamente em relação aos outros em uma sociedade racista. No caso analisado, essa gramática é potencializada pelo grupo de ativismo e apoio mútuo que constrói uma narrativa padrão sobre a linha do tempo "individual", valorizando aspectos de uma estética negra tecida junto a memórias e afetos produzidos coletivamente.

A ideia de gramática étnica é inspirada no conceito de gramática emocional descrito por Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho (2010). Vale ressaltar que os estudos dessas autoras versam sobre temas bem distintos do presente. Seu argumento na obra *Antropologia das Emoções* (2010), em consonância com a subárea de mesmo nome³, é de que as emoções e os sentimentos não apenas são conformados em contato com o mundo social/cultural, mas existem “regras” sociais e historicamente construídas que norteiam as diferentes formas de sentir. Isso não significa dizer que todas as pessoas de uma sociedade sintam da mesma maneira, tampouco que as formas de sentir sejam estáticas. Ao contrário, os estudos antropológicos têm capacidade de adentrar em contextos sociais e em dinâmicas culturais para compreender as especificidades das emoções entre e/ou dentro de diferentes segmentos sociais que podem se transformar no tempo e no espaço.

Segundo Coelho e Rezende (2011), em que pese o fato de que o tema das emoções esteja presente na sociologia desde o início da disciplina, como se pode ler nas considerações de Emile Durkheim sobre o fenômeno da efervescência coletiva, em Marcel Mauss sobre a expressão obrigatória dos sentimentos, em Alfred R. Radcliffe-Brown sobre o parentesco por brincadeira, entre outros, o campo específico da Antropologia das Emoções data da década de 1980, com a publicação de dois textos: um de Catherine Lutz e Geoffrey White, e outro de Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod, em 1990. Coelho e Rezende descrevem a particularidade dessa obra da seguinte maneira:

Ao tomar o conceito foucaultiano de discurso como ponto de partida, essa perspectiva procura situar os contextos sociais em que as emoções são expressas, com o intuito de mostrar que os discursos emotivos podem ser vistos como práticas que estruturam os próprios objetos de que falam. (COELHO; REZENDE, 2011, p. 15)

³ Antropologia das Emoções.

Sem me ocupar em profundidade das problemáticas do campo da Antropologia das Emoções, ressalto apenas que as emoções, nessa perspectiva, são discursos produtivos — e não apenas estados interiores de espírito ou humor — que produzem realidades. Assim sendo, as dimensões linguística e performática devem ser valorizadas pela etnografia. Na presente dissertação, valho-me, em particular, da ideia de que as emoções são discursos corporificados, ou seja, permanecem no corpo precisamente por serem disposições sociais. Nas palavras de Abu-Lughod e Lutz,

Emoções podem ser estudadas como discursos corporificados somente depois que seu caráter – discursivo - social e cultural for plenamente aceito. Tomar a linguagem como mais do que um meio transparente para comunicação de estados e experiências interiores, e ver a fala como algo essencialmente conjugada com relações de poder locais que é capaz de construir socialmente e contestar realidade, mesmo subjetividade, não é negar suas “realidades” linguísticas. É simplesmente afirmar que as coisas que são sociais, políticas, historicamente contingentes, emergentes e construídas são tão reais quanto têm força no mundo. (2011, p.13) (Tradução nossa)

No caso da presente pesquisa, entendo que a linguagem emotiva dos discursos do grupo Gurias Crespas e Cacheadas possui, como toda linguagem, uma gramática, um conjunto de regras que permitem expressar, conformar e atuar, de maneira compreensível a “realidade”. É nessa direção que veio à tona a definição que estou propondo de gramática étnica, que organiza tanto as formas de sentir quanto as de narrar “as coisas que são sociais, políticas, historicamente contingentes, emergentes e construídas; são reais e tem força no mundo”, como referem Abu-Lughod e Lutz.

Sob essa perspectiva, valho-me de mais uma ideia de Coelho (2010), descrita no artigo Narrativas de violência: a dimensão micropolítica das emoções. Ao entrevistar famílias cariocas de classe média, vítimas de violência urbana, no caso, assaltos a suas residências, a autora percebe que há uma similaridade na forma de fazer relatos. As famílias contam como sofreram a violência e destacam, recorrentemente, os mesmos pontos para narrar os fatos ocorridos, o que a autora nomeia de “narrativa padrão”. A noção de gramática, diz a autora, é capaz de organizar os relatos, estabelecendo certo padrão que se torna inteligível quando colocado em conjunto.

De maneira mais ampla, conforme já mencionei, o problema da presente pesquisa situa-se no diálogo entre questões de etnicidade, corporalidade e subjetividade de mulheres negras a partir da sua relação com produtos consumidos e utilizados ao longo da vida. Esses produtos podem ser para cuidado do cabelo ou da pele, e também podem ser roupas, brinquedos, revistas e até programas de televisão.

O processo de assumir-se etnicamente se configura como algo complexo que envolve dimensões sociais, culturais e políticas. Dessa maneira, o conceito de etnicidade, pensado para a presente dissertação, é aquele capaz de dialogar com as diferentes dimensões da autodeclaração étnica.

Ao estudar a inclusão da categoria afrodescendente no Censo Demográfico argentino, a antropóloga Laura Cecília López (2005), no texto intitulado O local e o transnacional nas negociações pela inclusão da categoria “afrodescendente” no Censo argentino, observa o quanto os processos de reconhecimento dos negros argentinos estão imbricados nos limites institucionais impostos pelas categorias de identificação do próprio Censo:

A construção dominante de uma branquitude da nação argentina a partir de processos de invisibilização dos negros da história e cultura nacional foi materializada, entre outros mecanismos, através de operações censitárias. O projeto político baseado no princípio liberal de igualdade perante a lei, apontava a uma homogeneização da população, que privilegiava como elemento formador ao segmento branco, desprezando a negros e indígenas. Os censos de população não foram uns instrumentos passivo ou simplesmente descritivo de medição, já que através da definição e seleção de categorias de análise contribuíram a criar uma imagem da nação que resultou em parte autônoma do processo histórico. (LÓPEZ, 2005, p.16).

Como aponta a autora, o Censo operou enquanto instrumento ativo que permitiu o silenciamento de determinadas etnias. E para que a categoria afrodescendente pudesse compor o censo foi necessária uma série de negociações e de mobilizações políticas e institucionais. Ainda segundo López, os negros argentinos, ao reivindicarem e se autorreconhecerem afrodescendentes, mobilizaram uma série de sentimentos e de dimensões, especialmente a dimensão política. Assim, o conceito de etnicidade é capaz de evocar a dimensão política do reconhecimento étnico e também parece operar enquanto um modo de reconhecimento positivado.

O conceito de etnicidade articula-se com a proposta desta pesquisa, por se apresentar como um recurso de identificação étnica que não é estático, nem tomado como universal; pelo contrário, demonstra que a etnia é vivida, sentida e interpretada de diferentes maneiras ao longo da vida. Lívio Sansone (2004) compreende que a utilização da categoria “etnia” e sua derivação, “eticidade”, estão diretamente relacionadas à positivação da autoimagem que os negros possuem de si mesmos. De maneira que, como indica o autor, o mercado da beleza desempenha papel fundamental na reconstrução e na elaboração de uma nova subjetividade. Assim, o entendimento acerca da própria negritude é mutável e se constrói a partir da relação estabelecida entre as mulheres e seus produtos estéticos ao longo da vida.

O conceito de corporalidade considerado nesta dissertação destaca a importância da presença corporal no mundo. É uma perspectiva que se baseia na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, a qual considera o corpo o sítio da percepção dos objetos culturais. Nesse sentido, o corpo não é um objeto em relação ao mundo e sim um sujeito no mundo cuja localização histórica, temporal e espacial define a percepção. Na antropologia, essa perspectiva apresenta-se revigorada a partir de estudos, entre os quais o de Thomas Csordas (2008) que propõe a “corporeidade como um paradigma para a antropologia”. O autor defende, na linha da fenomenologia de Merleau-Ponty, que o corpo deve ser considerado sujeito da cultura, ou seja, a base existencial da cultura. Csordas argumenta, à semelhança de Merleau-Ponty, que a percepção é pré-objetiva, acrescentando a ideia de que ela não é pré-cultural. Com isso, ele quer dizer que o corpo como sede da percepção não é um corpo biológico neutro, muito pelo contrário, bebendo na fonte de Pierre Bourdieu, ele é um “corpo socialmente informado”, um corpo onde reside o *habitus* na sua forma “corporificada” (CSORDAS, 2008, p. 105-111).

Considerar que o corpo é um “sujeito” informado que produz efeitos no mundo tem se provado potente em diferentes estudos antropológicos, como é o caso das pesquisas de Didier Fassin — uma grande inspiração para o presente estudo. No livro intitulado *When bodies remember*, Fassin elabora as implicações da corporificação do mundo - “*the embodiment of the world*” - para a saúde e para a vida de sujeitos históricos na África do Sul, no contexto do *apartheid*. Para esse autor o corpo não é apenas uma presença física, imediata, de um indivíduo no mundo; é também onde o passado deixa sua marca. Nas suas palavras: “o corpo é

uma presença em si mesma e no mundo, inscrita na história que é tanto individual quanto coletiva: a trajetória de uma vida e a experiência de um grupo” (FASSIN, 2007, p.175, tradução nossa). É nessa mesma direção que compreendo o corpo e a corporalidade nesta dissertação. Os corpos das mulheres negras trazem consigo não apenas a história individual de cada uma, mas também a história coletiva de uma segregação racial, de um estar no mundo nesse contexto, que se faz presente nas diversas formas de sentir e agir.

Considerar que se está no mundo enquanto presença corporificada implica admitir que as pessoas carregam em si e consigo as histórias coletivas e, a partir desse corpo, como sujeito da cultura, percebem e atuam/agem no mundo. Trata-se de um movimento de duas vias: de um lado, o “corpo socialmente informado” é portador das histórias individuais e coletivas; de outro, esse corpo no mundo imprime significados aos contextos em que está inserido.

Essa é a dimensão da corporalidade que visou resgatar nesta dissertação. As mulheres negras trazem, em seu estado corporificado, as “histórias do cabelo”, as quais, conforme o demonstro no capítulo II, são muito mais do que as histórias dos seus cabelos. Ao mesmo tempo, elas se colocam corporalmente no mundo, destacando a corporalidade negra expressa através do cabelo “afro”. Assim, demonstro, neste estudo, como elas (1) exibem sua presença coletiva em espaços públicos; e (2) passam a portar cotidianamente uma identidade negra construída em diálogo com o grupo de apoio “Crespas e Cacheadas”.

É importante ressaltar que esse conceito de corporalidade, empregado nesta dissertação, parte do entendimento de que corpo e mente não são duas instâncias distintas que compõem os sujeitos; são domínios fundidos e materializados nas pessoas, com ação prática no mundo. Sem intenção ou possibilidade de investir mais profundamente no debate sobre a história dos conceitos de corpo e corporalidade/corporeidade no presente estudo, na sequência destaco a importância da reflexão antropológica de pensar sobre as relações entre corpo e subjetividade, ou seja, sobre a subjetividade como uma experiência corporificada.

O corpo — de acordo com Fassin, acima referido, é “onde o passado deixa sua marca”, e vai ser considerado pela “antropologia da subjetividade” a partir da sua “qualidade inacabada” (BIEHL et al., 2007, p. 5 e 9), e cabe à etnografia

adentrar nos espaços onde esse corpo/subjetividade se faz e se refaz. De acordo com esses autores,

o sujeito é ao mesmo tempo um produto e agente da história; o local da experiência, memória, narração de histórias e julgamento estético; um agente de conhecimento tanto quanto da ação; e o espaço em conflito de atos e gestos morais em meio a sociedades e instituições impossivelmente imorais. Os modos de subjetivação são de fato determinados pelos caprichos do Estado, hierarquias familiares e comunitárias, memórias de intervenções coloniais e traumas insolúveis, e experiências e mercados medico-científicos. (BIEHL et all, 2007, p.14).

Nessa direção, o conceito de subjetividade que norteia as reflexões dessa dissertação encontra sustento nas palavras desses mesmos autores:

[...]a subjetividade não é apenas o resultado do controle social ou do inconsciente; também fornece o terreno para que os sujeitos possam refletir sobre suas circunstâncias e sentir suas contradições e, ao fazê-lo, suportar internamente experiências que de outra forma, seriam insuportáveis. A subjetividade é a forma de modelar a sensibilidade. É medo e otimismo, raiva e perdão, lamentação e pragmatismo, caos e ordem. (BIEHL et all, 2007, p.14)

É nesse entendimento, de que a subjetividade comporta e dá forma à sensibilidade, que este estudo se situa. O que vou perguntar a partir da pesquisa realizada para esta dissertação é sobre o desenvolvimento de uma nova sensibilidade étnica que se materializa através do cabelo “afro” por parte das mulheres negras que participam do grupo *Gurias Crespas e Cacheadas*.

Nessa direção, o presente estudo está organizado em seis capítulos (incluindo a introdução): no capítulo II traço a minha trajetória metodológica durante a pesquisa, além da apresentação e descrição do grupo *Gurias Crespas e Cacheadas*, dos encontros e dos espaços públicos ao ar livre como um elemento importante para a afirmação do grupo. Também destaco a importância e a centralidade dos produtos consumidos pelas integrantes desse coletivo e, por fim, descrevo algumas técnicas de cuidados capilares que aprendi durante o tempo de pesquisa.

No capítulo III introduzo a abordagem teórica do problema de pesquisa, explorando o conceito de corporalidade. Também discuto o conceito de beleza, procurando demonstrar o quanto as construções discursivas, feitas através de algumas mídias e do espaço escolar, foram e ainda são responsáveis pelas

representações de imagens pejorativas em relação ao corpo dos negros, especialmente em relação às mulheres negras. A frase que dá título a este estudo faz parte de uma campanha publicitária que será apresentada, descrita e discutida neste capítulo.

No capítulo IV insiro os relatos pessoais de duas das minhas interlocutoras, os quais revelam como alguns objetos de consumo durante a infância e a adolescência construíram uma relação ruim com a própria estética. Observo que a infância e a adolescência ajudam a construir uma narrativa pessoal, onde passado e presente são temporalidades que apresentam formas distintas de consumir e lidar com o corpo e a corporalidade.

No capítulo V apresento o relato pessoal da minha terceira interlocutora, com o foco sobre a fase adulta, a qual está relacionada ao presente, proporcionando outras formas de consumir e de agir. Nesse capítulo também discuto a idealização que o grupo faz do continente africano, e mostro como a mídia (impressa e televisiva) lançou um olhar diferente sobre os telespectadores e consumidores negros.

No capítulo VI atendo-me às considerações finais da pesquisa. Discorro sobre a situação atual do grupo e lanço alguns apontamentos para o futuro.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS - OS APRENDIZADOS DO TRABALHO DE CAMPO

Minha jornada com as “Gurias Crespas e Cacheadas” iniciou em 2013, quando fazia uma cadeira de pesquisa, ainda no curso de graduação, durante o bacharelado em Ciências Sociais. Meu primeiro contato com o grupo foi através das redes sociais, e, à época, o coletivo se denominava “Gurias Cacheadas”. Entrei no grupo motivada por interesses e razões pessoais, e após algumas semanas de inserção nas redes virtuais percebi que havia elementos interessantes e que poderiam ser pensados mediante pesquisa antropológica.

Nas redes sociais, a descrição do grupo era a seguinte: “Grupo do Rio Grande do Sul, com objetivo de juntar as gurias do Estado para trocar informações e dicas sobre cuidados com os cabelos cacheados. A proposta é valorizar os cachos”. Assim, compreende-se que quem entrava no grupo desejava valorizar o seu cabelo em sua textura “natural” (explicarei essa categoria mais adiante), isso significava que quem adería ao grupo e às suas ideias não deveria usar produtos químicos para modificar, alisar, diminuir o volume dos seus cabelos. Conforme referido anteriormente, minha chegada ao grupo ocorreu durante o “III Encontro das Gurias Cacheadas”, porém, nesse evento, uma das organizadoras falou brevemente sobre as outras duas reuniões realizadas anteriormente.

O grupo formou-se a partir de um grupo maior do estado de São Paulo, o “Amigas Cacheadas”, que contava com a participação de mulheres de todo o Brasil. A partir de uma enquete que perguntava “qual é sua cidade?”, as integrantes que eram de Porto Alegre resolveram se apresentar e formar um grupo local para que pudessem se encontrar. Anterior ao meu ingresso no grupo, já haviam ocorrido dois encontros presenciais na cidade de Porto Alegre, ambos no Parque da Redenção, sendo que, conforme já mencionei na introdução, minha chegada ocorreu durante o “III Encontro das Gurias Cacheadas”.

A presença de grupos no Facebook e no WhatsApp permite que pessoas de diversas partes do mundo possam se encontrar e se comunicar de acordo com alguns de seus interesses compartilhados. Aos moldes de grupos similares —do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo (que são numericamente maiores e mais antigos) —,

as Gurias Crespas Cacheadas ultrapassaram os limites da virtualidade e impuseram uma materialidade por meio de seus encontros.

O grupo — considerado importante em todo esse processo de reconhecimento e aceitação do cabelo — permite compartilhar experiências, frustrações e expectativas. Em suma, o coletivo opera enquanto uma espécie de rede de apoio à medida que as mulheres se encontram e dividem experiências. Um dos tópicos que aparece recorrentemente no grupo são as experiências com situações de discriminação e preconceito. Todas as participantes, durante os encontros, têm histórias desse tipo para compartilhar com o grupo.

Essas situações parecem servir de reforço para a construção do grupo que, com um misto de indignação e ironia, não raro ridiculariza as situações de racismo com expressões que denotam a pequenez de quem as pratica. As frases: “como que pode né?”, “Tem que rir para não chorar”, “Bah! Que sem noção”, são ditas a todo momento como que indicando um tipo de superioridade moral daquele que foi alvo de preconceito e discriminação. Observa-se, nesses casos, que o discurso emocional (da pena e do desprezo) trabalha simbolicamente no sentido de inverter a suposta relação de poder e a hierarquia entre o agressor e o agredido. Trata-se de uma dinâmica que desvela aquilo que Coelho nomeou de “potencial micropolítico das emoções”, ou seja, o potencial “de expor e afetar relações de poder e hierarquia de um modo mais amplo” (COELHO, 2010, p. 17). Em outras palavras, como um discurso emocional, a pena realiza um trabalho na inversão simbólica das hierarquias sociais⁴.

Durante três anos participei de dez encontros coletivos oficiais, que ocorreram a cada dois ou três meses. Além disso, também acompanhei um Curso de Extensão sobre Lideranças Negras Femininas; um *Coworking* de empresários negros de Porto Alegre (*Afronetworking*); duas rodas de conversa sobre apropriação cultural (uma delas convocada exclusivamente para pessoas negras); de uma Marcha contra o genocídio da população negra; do I Encrespa Geral de Porto Alegre; da Mostra de Cultura Negra e Festa Vovô Cipriano de Angola; da Semana de comemorações pela Semana da Consciência Negra no Largo Zumbi dos Palmares (comemorações pelo 20 de novembro); da exibição do documentário *Good Hair*; quando dei uma

⁴ Desprezo, nojo, pena enquanto sentimentos que realizam trabalho emocional e reconfiguração de hierarquias ver: COELHO (2010) Narrativas da Violência: a dimensão micropolítica das emoções.

entrevista ao Programa Nação (televisado pela emissora TVE); além de churrascos e festas em pontos de cultura negra — a Saldanha, Afro-Sul Odomodê e o Africanamente Escola de Capoeira de Angola.

Todos esses espaços serviram para encontrar as minhas interlocutoras, além de me colocar em contato com diversas discussões, não somente aquelas sobre cabelos. Percebo, hoje, que meu acesso a esses espaços mais amplos de discussão só foi possível através do mapeamento e acompanhamento constante via redes sociais. Assim, o Facebook e o WhatsApp constituíram-se possibilidades analíticas potentes para observar as mudanças e os processos de reconhecimento e identificação diários em que o grupo se envolvia. Dessa maneira, os espaços *on-line* também se tornaram interessantes para esta pesquisa, conforme descrito por Daniel Miller (2004)⁵.

Durante o período em que acompanhei o grupo pude observar diversos arranjos e mudanças, além de momentos marcantes e decisivos para a sua construção e continuidade. A primeira mudança ocorreu algumas semanas após o primeiro encontro do qual participei; o grupo “Gurias Cacheadas” passou a denominar-se “Gurias Crespas e Cacheadas”. A modificação do nome parece indicar uma abrangência maior de mulheres, pois o nome assume mais uma qualificação para classificar os cabelos. Quanto à opção pelo termo “gurias” percebe-se que seu uso qualifica as participantes regionalmente. Essa modificação foi importante pelo fato de o grupo fazer uma diferenciação entre o cabelo crespo e o cacheado, e se baseou numa tabela classificatória que distingue os cabelos por formatos e texturas, sendo o cabelo liso classificado como 1^a, e o cabelo crespo, como 4C (Figura 1).

⁵ No texto *Etnografia On e Off-Line: Cybercafés Em Trinidad*, Daniel Miller utiliza as categorias *on-line* e *off-line* para discutir o uso desses conceitos em trabalhos sobre o universo da *internet*.

Figura 1 - Tipos de Cabelo

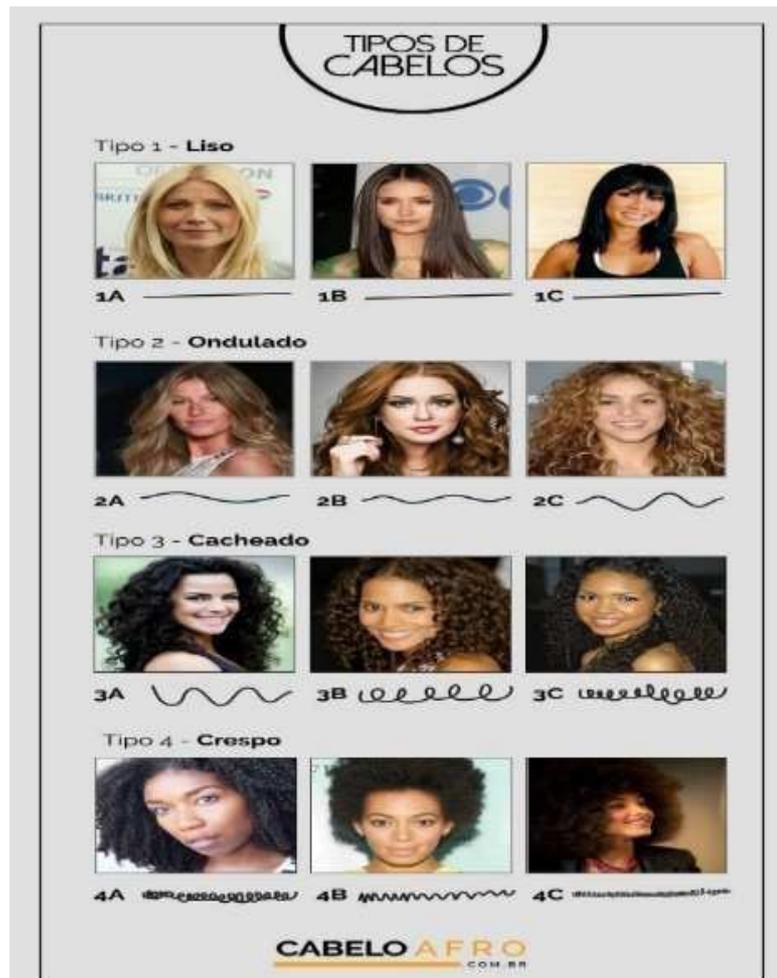


Figura **Erro! Indicador não definido.** - Fonte: (<http://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/>).

É nessa classificação, em que o tipo crespo de cabelo aparece na última posição do gradiente, que o grupo se baseia, tanto para recomendar cortes quanto para indicar produtos adequados para cada tipo de cabelo. Trata-se, portanto, de um quadro de classificação que tem agência sobre o grupo, tomando pontualmente aquilo que Bruno Latour (2012) considera um “não humano” que atua/age em conjunto com os humanos, provocando ações e transformações em uma realidade que vai além das práticas de cuidado do cabelo. A mudança de nome do grupo, quando pensada em conjunto com o quadro classificatório, revela a preocupação

que diz respeito não somente ao cabelo, mas também indica a intenção em classificar o grupo etnicamente, pois o adjetivo “crespo” remete a características estéticas específicas da população negra. Paradoxalmente, observa-se que a disposição do gradiente que apresenta na linha superior os tipos de cabelo mais lisos, portados por mulheres brancas, e na mais de baixo os tipos mais crespos, característicos de mulheres negras, é revelador da persistência da hierarquia a que o grupo pretende se contrapor.

A segunda modificação observada durante o período que acompanhei esse coletivo de mulheres está relacionada à organização geral do grupo: houve mudança no número de administradoras do grupo, que passou para quatro “gurias” ao invés das três anteriores. São elas que organizam as datas e os locais dos encontros coletivos, elaboram a dinâmica de cada encontro, divulgam o grupo e também fazem a mediação e seleção das publicações virtuais nas redes sociais. Assim, os encontros *off-line* são organizados e pensados por essas administradoras durante o ano inteiro.

E, por último, uma modificação significativa diz respeito ao número de participantes – em três anos o número cresceu vinte vezes, totalizando agora, em 2017, cerca de duas mil participantes de Porto Alegre, da região metropolitana e interior do estado do Rio Grande do Sul. Hoje, o grupo é composto, por mulheres cisgênero⁶ e todas autodeclaradas negras. Embora não seja possível afirmar com certeza, pois não existe uma forma clara de conhecer os dados socioeconômicos das participantes, alguns comentários, tanto nas redes sociais quanto nos encontros presenciais, indicam que a maior parte das participantes integra uma classe média transitante. Isso pode ser inferido porque, muitas delas são universitárias ou possuem cargos e ocupações de nível superior. Participam do grupo professoras, advogadas, administradoras, enfermeiras, psicólogas e jornalistas, por exemplo, e várias delas comentam que são a primeira geração de ingressantes no ensino superior da família.

Foi ao participar do “III Encontro das Gurias Crespas e Cacheadas” que pude conhecer o grupo e compreender melhor os seus objetivos. Observei que a preparação para o encontro, anunciado no Facebook, era bem elaborada, contando,

⁶ Para compreender as classificações relativas à população LGBT, ver: JESUS, Jaqueline. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília, 2002

entre outras coisas, com a confecção de um boton comemorativo (Figura 2). O boton foi elaborado por uma das integrantes do grupo que não estava diretamente encarregada da organização do evento, mas, disse-me ela, “o momento era especial e merecia algo especial”.

Figura 2 - Boton Comemorativo do III Encontro das Gurias Crespas e Cacheadas



Figura **Erro! Indicador não definido.** - Fonte: Arquivo pessoal.

Refletindo sobre por que esse seria um “momento especial” me ocorreu que embora já tivessem acontecido dois outros encontros, havia uma crescente adesão ao grupo, o que deveria ser celebrado. O boton cor-de-rosa forte, em cujo centro se sobrepunha cerca de uma centena de rostos de participantes do grupo, talvez tenha sido uma forma de marcar a crescente participação e enfatizar o sucesso do coletivo que se autodefine “crespas e cacheadas”. Chama a atenção que, nas fotos copiadas dos perfis pessoais do Facebook, várias delas apresentam cabelos

alisados, ou em transição capilar⁷. Ou seja, mostra que a adesão ao grupo é um projeto pessoal e coletivo, em que o ser e o estar estão em constante negociação.

O local escolhido para esse encontro presencial, que compreendeu cerca de 20 mulheres, com idades entre 18 e 50 anos, foi o Parque da Redenção, na cidade de Porto Alegre, RS. A dinâmica desse encontro, e que se repetiria nos demais, foi dividida em três partes: a primeira teve como foco apresentar ao grupo um breve relato pessoal da história do próprio cabelo; a segunda foi composta por uma confraternização em forma de piquenique; e, por último, foi realizado o jogo de amigo-secreto com a troca de alguns produtos. Mais adiante, neste capítulo, apresento as três partes dos encontros de maneira mais detalhada.

Como aludi na introdução, a problemática desta pesquisa gira em torno das etnicidades, corporalidades e subjetividades de mulheres negras na relação com produtos consumidos e utilizados ao longo da vida para o cuidado do cabelo ou da pele, além de roupas, brinquedos, revistas e até programas de televisão. Para tanto, analiso, em um primeiro momento, os encontros coletivos presenciais do grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” enquanto espaços de produção e atualização das corporalidades e subjetividades; em um segundo momento, adentro, de maneira mais aprofundada, na vida de um grupo de interlocutoras que foram entrevistadas para a presente pesquisa, atentando para as atualizações cotidianas desses processos.

Compreendendo as especificidades temporais e espaciais em que o grupo está inscrito, o trabalho de campo privilegiou a etnografia apoiada pela observação participante, que, nesse caso, tornou-se fundamental para a compreensão do problema de pesquisa. A cada encontro presencial do grupo me apresentava como pesquisadora (pois sempre havia novas participantes), pedindo autorização para utilizar o meu bloco de notas, o qual me ajudou a compor o diário de campo. A página do grupo no Facebook, que também se constituiu em uma possibilidade de investigação, tornando a netnografia (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008) um recurso

⁷ A transição capilar é tida como um processo de abandono das químicas de alisamento. Para uma análise mais detalhada, ver: GOMES, Larisse Louise Pontes. “Posso tocar no seu cabelo?” Entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re)construção identitária? Dissertação de Mestrado. UFSC. 2017

secundário potente, propiciou-me observar outros contextos e situações em que as participantes do coletivo se envolviam diariamente.

Assim, além de investigar os encontros presenciais do grupo e as publicações virtuais, também realizei entrevistas individuais com mulheres participantes do coletivo, no intuito de aprofundar alguns aspectos da vida daquelas menos visibilizadas nos encontros presenciais e nas postagens do Facebook. Os relatos deram-me acesso à construção discursiva sobre suas vidas e experiências.

Também considerei importante — além de pesquisar no espaço da internet e nos encontros presenciais — realizar algumas entrevistas individuais com mulheres do grupo a fim de aprofundar algumas das questões que apareciam nos diferentes contextos. No total, foram três entrevistadas, duas delas estavam no grupo desde a sua formação, e a terceira, há menos tempo (cerca de dois anos). Assim, percebi em minhas observações — narradas mais adiante neste estudo — que cada uma delas enfatiza uma fase diferente da vida como a mais marcante, e que a relação com os cabelos, com o corpo e com a estética negra é também pensada e elaborada em função das relações com a mídia e com os bens de consumo utilizados ao longo da vida.

2.1 OS ENCONTROS COLETIVOS – A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Conforme mencionado na introdução desta dissertação, o trabalho de campo foi realizado no Rio Grande do Sul, mais especificamente na capital, Porto Alegre. A capital foi a preferida pelo grupo para realizar os encontros por duas razões: é nessa cidade que se concentra a maior parte das integrantes do grupo; os parques e outros lugares públicos da cidade parecem atender melhor a proposta de dar visibilidade ao grupo e suas reuniões.

O Parque Farroupilha fica localizado no bairro Bom Fim, região central da cidade de Porto Alegre. É um lugar bastante conhecido, seja pela ampla área arborizada e verde que compõe parte do local, seja pelas feiras de artesanato local e de agricultura orgânica que ali se instalam aos finais de semana. A “Redenção”,

como é chamada popularmente, também é um local — historicamente marcado — de protestos e reivindicações políticas por parte dos diversos grupos e movimentos sociais que buscam espaço e visibilidade na cidade. Esse parque foi o favorito para a realização dos encontros durante o tempo em que acompanhei o grupo.

O Parque “Marinha” (Marinha do Brasil) também foi o local de um dos encontros. Semelhante à “Redenção”, esse parque é aberto e se localiza ao lado de um grande centro comercial na cidade, o Praia de Belas Shopping. Além disso, também está bem próximo ao Estádio Beira Rio, do time Sport Club Internacional, que é ponto turístico na cidade de Porto Alegre.

O centro da cidade também serviu de ponto de encontro do grupo algumas vezes, e era nele que as participantes se reuniam antes de se dirigirem às reuniões coletivas nos parques supracitados. O ponto de encontro era no Mercado Público, por ser de fácil acesso e dispor, nas ruas laterais do prédio, de ônibus que percorrem diversos bairros da cidade. A Figura 3 mostra que o Parque da Redenção, o Parque Marinha e o Mercado Público se localizam em regiões centrais de Porto Alegre, tornando-se, assim, locais estratégicos de visibilidade.

Figura 3 – Vista parcial do Mapa de Porto Alegre



Figura 3 - Fonte: (<https://www.google.com.br/maps/porto+alegre>).

Os locais públicos e abertos constituem uma parte importantíssima para a proposta de afirmação identitária e visibilidade do grupo, talvez pelo que explica o historiador Carlos Alfredo Gadea (2013), no livro *Negritude e pós-africanidade: crítica das relações raciais contemporâneas*, ao falar de juventude negra na cidade de Porto Alegre:

[...] Quantitativamente poucos, conformando uma verdadeira minoria cultural no contexto Parque da Redenção, não se percebe neles a prática deliberada de um discurso sobre um suposto “passado referência” associado a um conteúdo eventualmente “político emancipatório” sobre a discriminação racial que fundamente uma base significativa de sua experiência social enquanto jovens negros. Quer dizer que não parecem materializar um “corpo negro” previamente inserido numa narrativa sobre o espaço da negritude baseada em regras de “ancestralidade” e “descendência” africana. Para eles, a negritude é um espaço de negociação e disputa, de “lutas semânticas” na medida em que estão ali, no “espaço aberto” do parque, é para, justamente, transgredir um “corpo negro” colonizado sob as “marcas” de uma subalternidade” que não lhes permite “escapar” de uma historicidade convertida em “fatalidade” individual. O “corpo negro” sujeitado à negritude é o maior desafio a ser quebrado. (GADEA, 2013, p.56-57)

A escolha dos locais públicos da cidade de Porto Alegre é intencional e é justificada pelas organizadoras de diversas maneiras: “Queremos ser vistas”, “É muito chocante para essa gente branca de Porto Alegre ver mais de vinte pretas sentadas em roda num sábado à tarde”, “A visibilidade também é política!”. Esses comentários revelam uma série de questões que permeiam os encontros coletivos.

A disposição e o modo de ser visto pelo público externo ao encontro são considerados importantes para o coletivo, e sentar-se em formato de roda, segundo uma das organizadoras dos encontros, tem dois objetivos: o primeiro é para que todas as participantes possam se enxergar, pois os contatos visuais são fundamentais para a criação de vínculos e permitem a cada uma a chance de ser vista por todas as outras durante o seu relato pessoal; o segundo é porque o ato de sentar em formato circular (em roda) está associado, na visão das organizadoras, a práticas “ancestrais” e até mesmo subversivas e de resistência corporal durante a escravidão (MUNANGA; GOMES, 2006).

A roda remete, na visão das mulheres do grupo, a muitas simbologias e significados. Durante o tempo em que acompanhei as “Gurias Crespas e Cacheadas”, essa prática ocorreu em todos os encontros, e somente após todas as participantes terem formado o círculo é que os encontros iniciam oficialmente. A roda

carrega elementos interessantes para se pensar sobre a relação do grupo pesquisado com o espaço público, e talvez se possa refletir sobre essa importância a partir das considerações das pesquisadoras Maiana Lima e Patrícia Maria da Silva, no texto intitulado Valores civilizatórios africanos em performance: Emicida, Livia, Natália e Guellwar Adún, ao falar sobre o projeto do Governo Federal “A cor da cultura”:

CIRCULARIDADE

Todos nós conhecemos o prazer que advém do ato de sentar em roda com amigos para contar histórias, fazer música, brincar com jogos ou manifestar a religiosidade. Os próprios valores civilizatórios são bons exemplos de circularidade. A vida é cíclica. Podemos estar muito bem agora e numa posição ruim depois até que voltemos a um estado satisfatório. A humanidade inteira permanece unida por este sentimento circular. “O terreiro tem o papel importantíssimo de resgatar a Mãe África, mesmo que através de uma nostalgia, de um lamento. E é esse território representado pelo círculo que vai reaparecer em várias atividades, de cunho religioso e também no espaço lúdico. Essa mesma roda está presente na capoeira, no jongo, no tambor de crioula, na gira da umbanda e no samba. (LIMA; SILVA, 2014, p.04).

A roda, além da partilha de histórias, contém elementos que percorrem a memória e a “ancestralidade” evocadas pelo grupo ao sentarem-se dessa maneira. A roda também evoca a ideia de unidade e partilha, o que gera um impacto visual em quem está passando por esses lugares públicos no momento em que está ocorrendo o encontro. Todas as participantes dos encontros se sentam no chão, algumas amparadas por algum pano ou pedaço de papelão, mas a maioria prefere sentar na grama, alegando se sentirem bem e confortáveis. Assim acontece o encontro, organizado em três partes: a primeira consiste em uma rodada de relatos sobre “a história do cabelo”; a segunda é um piquenique; e a terceira, o jogo de amigo-secreto.

2.1.1 A “História do Cabelo”

Relatar a “história do cabelo” para o grupo é um procedimento que segue uma linha narrativa específica: inicialmente, as participantes, uma a uma,

apresentam-se e explicam o que é descrito por elas como a “relação com o cabelo durante a infância e idade escolar”, seguida do “período da adolescência”, quando geralmente ocorre a migração para os tratamentos com químicas, e, por último, a fase de “afastamento das drogas” (termo usado por elas ao se referirem aos tratamentos químicos), e a entrada no grupo “Gurias Crespas e Cacheadas”.

A partir dos relatos individuais pude perceber que cada período da vida é descrito como marcado por intervenções e modificações capilares distintas. Assim, contar a “história do cabelo”, além de ser parte essencial de cada um dos encontros dos quais participei, tem como objetivo demonstrar o modo com que as relações com o corpo puderam ser alteradas e reelaboradas durante as trajetórias pessoais. Se, contar a “história do cabelo” é parte fundamental de cada um dos encontros, no decorrer deste estudo ver-se-á que é a partir das intervenções que ali são feitas que se modificam as relações com a corporalidade e com o mundo. A própria sequência cronológica escolhida para introduzir no grupo a trajetória capilar individual das participantes, produz um processo gradual na vida de cada uma delas. Assim, elencar “infância”, “adolescência” e “fase adulta” parece remeter a certa evolução de pensamento e de comportamento. De maneira geral, o relato das participantes é bem similar, caracterizado por alguns elementos discursivos recorrentes:

1) ao se referirem ao período da infância percebe-se uma reclamação em relação aos brinquedos dos anos 1980 e 1990, centrada na imagem das bonecas que, sem exceção, eram brancas, do mesmo modo que os personagens dos livros infantis;

2) a identificação da entrada na escola é referida como um período de certa tristeza, vinculada aos cuidados das mães em prender ou trançar os cabelos, o que gerava constrangimentos perante os colegas, revelados nas seguintes falas: “Minha mãe fazia um penteado horrível, uma trança grossa de cada lado. Tive mil apelidos no colégio, chorava todos os dias. Nunca usava o cabelo solto”. “Usava tranças na época do colégio, me chamavam de caminho de rato, por conta dos desenhos que as tranças formavam na minha cabeça”;

3) o período da adolescência, nessas narrativas, aparece com referências de beleza brancas dos anos 1990, e a própria passagem do período da infância para a adolescência toma como referência o alisamento dos cabelos com produtos químicos.

Naquele momento, não lhe é insinuado/incutido que a “vontade” de ter cabelos lisos esteja associada ao ideal de felicidade e beleza imposto pelo padrão de consumo das classes mais altas, conforme observou Pierre Bourdieu (2006), em sua obra intitulada *A distinção*.

4) os relatos da fase adulta remetem ao “resgate da autoestima” e o “reconhecimento da etnia”, especialmente porque esses elementos se associam, nessa gramática étnica, à aceitação e à valorização dos cabelos “naturais”. Também é nessa fase que o uso de turbantes passa a ser incorporado no processo de construção de uma identidade negra. O uso desse adereço gerou inúmeras discussões no grupo, especialmente por estar relacionado a questões de apropriação cultural, como descrevo mais adiante. Essa discussão tem gerado, há tempos, muitas tensões no grupo e algumas integrantes migraram para outros grupos para discutir o assunto de maneira aprofundada.

Em resumo, observa-se que o modo com que a “história do cabelo” é contada relaciona a fase de vida adulta a um período de “conscientização” e aperfeiçoamento de si, evidenciado pelos relatos de um passado sofrido em contraste com um presente adequado e com um futuro projetado como “empoderado”, principalmente quando se fala sobre educação dos filhos.

A cronologia e a similaridade dos relatos ajudam a compor a ideia de gramática étnica descrita na introdução deste estudo, especialmente porque é durante os encontros que as memórias são trazidas em conjunto. Dessa forma, os modos de agir e sentir colocam as emoções no plano coletivo de grupo, o que colabora para a existência do próprio “Gurias Crespas e Cacheadas”. Pode-se sugerir, em relação a isso, que a “história do cabelo” é bem mais do que a história de cada uma. A história comporta uma crítica a formas de representação feminina feitas através das bonecas e dos livros que excluem as formas de percepção de si das mulheres negras “crespas e cacheadas”. Os relatos são bastante semelhantes, portanto, é possível supor que a “história do cabelo”, contada individualmente, mais do que a história em si ela se refere, antes de tudo, a uma história coletiva, como menciono mais adiante neste capítulo, a um aprendizado sobre o “nosso cabelo”. Em outras palavras, muito mais do que falar sobre textura e ondulação, a história do cabelo se refere a uma forma de refletir sobre sentimentos de inadequação do mundo à realidade vivida por essas mulheres

2.1.2 O Piquenique

O piquenique é o segundo momento do encontro, ocorrendo após a formação da roda e a “história do cabelo”. No centro da roda são estendidas cangas de praia e toalhas de mesa, que servem para aparar os lanches trazidos pelas participantes do encontro. As comidas e as bebidas são solicitadas no momento em que o encontro é criado no Facebook, e cada participante informa, antecipadamente, o que vai levar, para que os lanches não se repitam.

Os lanches compõem-se de salgados (pasteis, empadas) e doces (bolos e biscoitos), acompanhados das bebidas — geralmente água ou refrigerante. As organizadoras do evento são as responsáveis por levar pratos e copos plásticos, guardanapos e sacos para recolher o lixo depois do piquenique. Nos dias mais quentes, algumas integrantes do grupo também levam sacolas térmicas e sacos de gelo para conservar as comidas e as bebidas.

Os lanches também são planejados em função do tempo de duração dos encontros, especialmente por causa das crianças que não podem ficar muitas horas sem comer. As crianças foram presença constante nos encontros, muitas participantes levam seus filhos por acreditar que é importante que eles conheçam outras pessoas negras de “cabelo natural”. Além dos lanches, as crianças também contam com uma “rodinha” à parte, onde ficam disponíveis alguns livros infantis com personagens negros e alguns brinquedos.

2.1.3 O Amigo-secreto - O “Nosso” Cabelo e os Produtos “Corretos”

Os participantes do encontro, além de levarem um prato de doce ou salgado para o piquenique, também lhes são solicitados que levem um produto para ser trocado no jogo do amigo-secreto.

O amigo-secreto consiste num jogo de trocas, em que cada pessoa deve sortear um nome e escolher um presente para a pessoa sorteada. O objetivo do jogo é que todos possam trocar presentes no dia do encontro. Por esse motivo, o sorteio

é feito em um site específico, na internet, antes do encontro, e cada participante deve procurar, no grupo do Facebook, quem é a sua amiga secreta e descobrir o máximo de informações sobre ela para acertar na compra do presente capilar.

O amigo-secreto, nessa situação, parece remeter a alguns aspectos do sistema da dádiva, pois gera expectativa e cria alguns níveis de relacionamento no grupo. Essa dinâmica de trocas foi realizada em todos os encontros dos quais participei. Além dos produtos, também foram trocados acessórios para cabelo, receitas caseiras, muitos abraços e palavras de acolhimento.

Ao agregar novas metodologias à sociologia durkheimiana, Marcel Mauss (2003) ultrapassa o funcionalismo e ocupa-se com o estudo que privilegia as relações. Desse modo, O Ensaio sobre a Dádiva pode ser entendido como uma obra capaz de inaugurar uma nova compreensão sobre os fenômenos sociais. Marcel Mauss vê na tríplice obrigação formada entre as ações de dar, receber e retribuir uma parte essencial e constituinte da vida social. Assim, o conceito de aliança parece ser a chave analítica para compreender toda a proposta de Marcel Mauss quando teoriza sobre a dádiva, definida pelo autor como um sistema de trocas que torna a retribuição parte obrigatória do processo, portanto, essa imposição oriunda dessa modalidade é capaz de produzir alianças políticas, religiosas, econômicas, entre outras.

Com toda a complexidade envolvida na dádiva, compreende-se que, por não ser restrita à ordem econômica, a troca não pode ser apenas de bens – também ocorre circulação de palavras (registro simbólico) e de pessoas (alianças matrimoniais). Assim, nesse sistema, há sempre expectativas de retribuição, e por isso a troca também contempla aspectos simbólicos, e é importante reconhecer a circulação de valores que se inscreve no sistema da dádiva.

De certa forma, Mauss se preocupa com alguns aspectos que envolvem a linguagem, pois ao considerar as categorias êmicas, “hau” e “mana”, por exemplo, o autor perceberá a criação da obrigação e da competição envolvidos no sistema de trocas da Melanésia, em que questões de honra emergem com muita força. Logo, mais do que um sistema de trocas, as relações envolvidas na dádiva criam diferentes modos de se relacionar. Assim, considero pensar o consumo que será mais bem detalhado no capítulo V, como aquela modalidade de relacionamento ou engajamento capaz de construir identidades e alterar subjetividades.

Retornando à dinâmica do amigo-secreto, percebo que ela é parte integrante dos encontros, do mesmo modo que o é o objeto de troca. Essa circulação de produtos constitui uma das bases do grupo. Durante o tempo em que acompanhei os encontros coletivos e as publicações na página *on-line* pude compreender que não é qualquer produto que atende as necessidades de um cabelo crespo, ou como uma das participantes me disse em um dos encontros: “Nosso cabelo não gosta de produtos com derivados do petróleo”. É que nessa relação com o grupo, as mulheres passam por um grande aprendizado sobre os “produtos corretos”. O compartilhamento de produtos dos quais o “nosso cabelo gosta”, é, antes de tudo, o compartilhamento de um sentido renovado da identidade que implica, ao mesmo tempo, produção de novas subjetividades através de uma transformação na corporalidade.

2.2 OUTRAS ATIVIDADES DE PESQUISA: APRENDENDO SOBRE OS PRODUTOS, SOBRE AS TÉCNICAS E OS PROFISSIONAIS

Dois meses após ter participado do primeiro encontro foi criado um evento no grupo do Facebook denominado “Dia de compras com as Gurias Crespas e Cacheadas”. Não se tratava de um evento oficial do grupo, mas era uma reunião menor que tinha o objetivo de ajudar aquelas que estavam iniciando no processo de reconhecimento e valorização do cabelo crespo, que pode ser classificado como “*black*”, “afro” ou “natural” (explico cada uma dessas classificações no capítulo III). Esse dia de compras iniciou relativamente cedo. O encontro foi marcado para uma manhã de sábado, às oito horas e trinta minutos. A ideia era percorrer algumas lojas do centro de Porto Alegre, tentando encontrar produtos adequados para os cabelos. Foi nesse encontro que compreendi que valorizar a textura “natural” do meu próprio cabelo exigiria muito esforço, estudo e gasto.

Esse “encontro-aula” contou com sete participantes e mais uma das administradoras do grupo, responsável por nos guiar e nos explicar a função de cada componente químico descrito na fórmula impressa no rótulo dos produtos. O encontro durou a manhã toda, percorremos dez lojas específicas, localizadas no

centro de Porto Alegre, seis delas localizadas na rua Riachuelo. Mais tarde, soube que essa rua é conhecida também como a “rua dos cabeleireiros”, justamente porque é nessa região do centro da cidade que se localiza a maior parte das lojas de produtos capilares.

Nesses encontros, aprendi que há três itens que influenciam muito na hora da escolha de produtos adequados: o primeiro diz respeito ao que foi comentado acima – devem ser evitados os produtos que contenham componentes derivados do petróleo (petrolatum/petrolato, mineral oil/ óleo mineral, parafinum liquid); e/ou sulfatos (sodium laureth sulfate, sodium laurilsulfate, ammonium lauryl ether sulfate, ammonium lauryl sulfate); e/ou silicones insolúveis (Amodimethicone, cetearyl methicone, cetyl Dimethicone, cyclomethicone, cyclopentasiloxane, dimethicone, dimethiconol, stearyl dimethicone, trimethylsilylamodimethicone, simethicone, polydimethylsiloxane, methicone)⁸.

Ao se escolher um produto, o rótulo deve ser lido com atenção e a partir dele será possível identificar se os itens ali mencionados estão ou não presentes na composição química de cada shampoo, condicionador, máscara de tratamento, creme para pentear, gel ou fórmula para crescimento capilar.

Assim, após ouvir muitos relatos durante os encontros, descobri que os produtos livres desses componentes deixam os cabelos mais “saudáveis” e com um crescimento “satisfatório”. Então, ler os rótulos antes da compra é fundamental para quem quer ter os cabelos bonitos e “cheios de vida”, e também é indispensável na hora de escolher o produto para trocar no amigo-secreto do grupo. Outra questão importante é que os componentes a serem evitados aparecem nas fórmulas dos produtos para alisamento capilar, e, conforme já mencionado, relatar a “saída das drogas” era relatar a fase de abandono dos químicos alisantes. Durante os encontros pude perceber o quanto o “regaste” e o “reconhecimento da etnia” acontecem, inicialmente, pela “aceitação do próprio cabelo”. Aceitá-lo implica não apenas um movimento de apreciação de uma estética não normativa; implica, pois, considerar negativas as práticas do alisamento e relacionar o tratamento com “químicas” ao “uso de drogas”. Também induz ao estabelecimento de uma distância entre um “passado” e um “presente”, a partir do qual a mulher passa a identificar

⁸ Retirado de: <http://garotatipo4.blogspot.com.br/2014/04/lista-de-produtos-se-evitar.html>

“componentes proibidos” para o que é considerado um cabelo “saudável”, naturalmente “afro”.

O segundo critério que influencia na hora da compra é o valor dos produtos no mercado estético, porque é possível encontrar produtos com, basicamente, as mesmas funções, porém com valores muito diferentes. Então, como escolher o produto adequado? Existe uma média considerada aceitável para o preço do produto, que corresponde a R\$30,00 para shampoo, condicionadores, cremes de pentear, géis e óleos para crescimento. As máscaras de tratamento possuem uma função mais específica, a de tratamento intensivo para reconstruir as fibras do cabelo, portanto, o seu preço é mais elevado, podendo ir de R\$30,00 até R\$ 300,00 se a máscara for importada. No amigo-secreto do grupo a ideia é trocar “presentinhos” e “agradinhos”⁹, desse modo, o valor estipulado foi relativamente baixo, ficando entre R\$10,00 e R\$30,00.

Por último, as marcas e a sua disponibilidade no mercado são muito importantes na hora de escolher o produto adequado, e algumas delas já possuem linhas específicas para tratar exclusivamente dos cabelos crespos. No entendimento das mulheres do grupo, algumas marcas já se tornaram tão “confiáveis” que elas julgam não ser mais necessário ler o rótulo do produto antes de comprá-lo. Algumas marcas, além de descreverem de maneira direta a função do produto, fazem uma publicidade muito direcionada, como é o caso do recente lançamento da marca Salon Line (Figura 4).

Entre as favoritas do grupo, e após o lançamento dessa linha específica, no ano de 2016, essa marca se destacou em relação ao número de dicas e recomendações para o tratamento e cuidado com os cabelos crespos, por isso elas são aconselhadas no grupo, tanto na página no Facebook quanto nos encontros presenciais. A Salon Line é uma marca nacional, e está há mais de vinte anos do mercado de cosméticos.¹⁰

⁹ Os termos presentinhos e agradinhos estão sendo usados no diminutivo por remeterem ao caráter afetivo que compõe essa modalidade de troca no grupo.

¹⁰ Retirado de: <http://salonline.com.br/sobre-nos/>

Figura 4 - Linha “To de cacho” da Salon Line



Figura 4 - Fonte: (<http://3.bp.blogspot.com/-7u968b7WxGg/VhR4HA-7SKI/AAAAAAAAAG3o/JLxjlr3htMg/s1600/to-de->).

De acordo com as integrantes do grupo, a marca traz, em sua composição, ingredientes livres daqueles “componentes proibidos”. Além disso, apresenta um “preço acessível” e “é fácil de encontrar”, estando presente em lojas para produtos capilares, em supermercados e farmácias da cidade de Porto Alegre.

Dentro da linha “To de cacho” há uma classificação que direciona ainda mais o uso do produto. Há quatro tipos de cremes para pentear e cada um deles atende um tipo de ondulação capilar. Para o grupo pesquisado, “O crespíssimo poderoso” (Figura 5) “É perfeito!”, “Deixa os cabelos maravilhosos”, “A Salon Line nos ouve e atende todas as nossas necessidades!”.

Além dos componentes químicos serem adequados, o preço acessível e a marca “de confiança”, na Salon Line, no rótulo do produto, como pode ser observado na imagem, é utilizada uma linguagem que remete a valores positivos para as adeptas do cabelo crespo “natural”. A tabela de classificação capilar, apresentada à esquerda da imagem da Figura 5, informa para qual tipo de cabelo o produto é adequado.

Figura 5 - Linha “To de cacho” – Crespíssimo Poderoso



Figura 5 - Fonte: (http://bellasperfumaria.com.br/1331-thickbox_default/creme-de-pentear-salon-line-to-de-cacho-).

A linguagem visual e escrita é parte fundamental das marcas que fabricam produtos para segmentos específicos da população, assim, nomear o creme de “crespíssimo poderoso” estabelece uma comunicação com a pessoa que o consome, sugerindo que deixar o cabelo “crespíssimo” é uma prática de empoderamento. O *Low poo*, que aparece também no rótulo da Salon Line, consiste em uma técnica de cuidar dos cabelos sem todos aqueles componentes químicos “proibidos”, anteriormente citados.

Também há produtos considerados “confiáveis”, mas nem sempre são fáceis de encontrar. Entre as marcas que não são fáceis de encontrar, mas as mulheres do grupo entendem que “valem a pena”, encontra-se a Lola Cosméticos, uma marca nacional, há mais de oito anos no mercado¹¹. A marca utiliza uma linguagem bem-humorada tanto em seus rótulos quanto em seu site, sendo possível encontrar o creme adequado para “cada situação drama” no que se refere ao cabelo.

A marca não é exclusiva para pessoas de cabelos crespos, mas anuncia linhas de tratamento que atendem as “necessidades” desse tipo de ondulação capilar. Há cremes para quem está “saindo da química” (Figura 6), cremes para

¹¹ Retirado de <http://ohmaria.com.br/oh-maria/>

quem ainda usa algum tipo de “química” (Figura 7) ou para quem está “crespa” e deseja manter-se assim (Figura 8).

Durante os encontros presenciais do grupo, a Lola Cosméticos foi citada inúmeras vezes, em relação a como e onde alguns produtos da marca podem ser encontrados, em lojas específicas da cidade de Porto Alegre, ou *on-line*, através do site da marca. Nos encontros também observei a produção de algumas estratégias que resultam em gratuidade do frete ou redução do valor a ser desembolsado — a compra coletiva.

Figura 6 - “Milagre!” da Lola Cosméticos



Figura 6 - Fonte: (<http://www.lola.ind.br/>).

igualmente destaque no cuidado dos cabelos. Para cada tipo de cabelo e cada objetivo da pessoa há um tempo e uma maneira diferentes de agir. Cito apenas alguns procedimentos que se mostraram recorrentes entre as mulheres do grupo.

1. Se o objetivo for sair do alisamento para retomar a textura original do cabelo crespo, existe:

- A transição: esperar o cabelo crescer naturalmente e ir cortando as suas pontas mês a mês;

- *Big chop*: técnica retirada dos relatos das mulheres negras americanas. Consiste em cortar ou até mesmo raspar o cabelo e esperar que ele cresça novamente de maneira natural.

2. Se o objetivo é o crescimento é possível utilizar:

- O método da inversão: inicia com uma massagem capilar com as pontas dos dedos, após a massagem deve-se ficar de cabeça para baixo por cerca de quatro minutos para ativar a circulação sanguínea do couro cabeludo. Esse tratamento deve ser feito por sete dias;

- Shampoo/ condicionador bomba: compra-se um shampoo/ condicionador neutro e adiciona-se vitamina A na sua composição;

- Óleo de cravo: ferve-se o cravo junto com óleo de rícino, deixa-se esfriar e aplica-se diretamente no couro cabeludo;

- Massagem capilar: massagem com as pontas dos dedos em movimentos circulares, diariamente;

- Corte lunar: corta-se o cabelo de acordo com as fases da lua. Os cortes na lua minguante são considerados desfavoráveis para o crescimento dos cabelos.

3. Se desejar brilho e vitalidade nos crespos há:

- Banhos de creme: escolhe-se um creme de tratamento adequado e após lavar os cabelos com shampoo aplica-se o creme, deixando-o agir por cerca 30 minutos;

- Máscara de gesso: mistura-se óleo de coco ao creme de tratamento e aplica-se no cabelo, após ser lavado com shampoo. Deve-se permanecer durante uma hora com essa mistura nos cabelos;

- Máscara de maisena: mistura-se ao creme de tratamento uma espécie de mingau de maisena, aplica-se no cabelo. Deve-se permanecer com essa mistura nos cabelos por cerca de 45 minutos.

Durante o tempo que acompanhei o grupo testei muitas técnicas e receitas caseiras, pois é importante para o grupo que as suas participantes digam quais são mais rápidas, quais são mais adequadas e, principalmente, quais realmente “funcionam” em cabelos crespos. Da prática de uso de produtos e das técnicas de cuidados depreendo que os cabelos são caracterizados por uma série de adjetivos positivos ou negativos, conformando um sistema classificatório do (in)adequado e do (in)desejável. A partir dessa oposição elaborei o quadro a seguir.

Quadro 1 – Cabelos

CABELOS	
DEVEM SER	NÃO DEVEM SER
Crespo/Afro	Liso/ Alisado
Natural	Com química
Saudável	Doente
Bonito	Feio
Cheio de vida	Sem vida
Brilhoso	Opaco

Fonte: Elaborado pela autora.

Os profissionais de beleza negra também são indicados e recomendados pelo grupo. Durante esses três anos em que venho acompanhando o coletivo conheci alguns cabeleireiros que são especializados em cortes e tratamentos específicos para cabelos crespos. O único encontro do grupo que não foi na cidade de Porto Alegre, ocorreu na região metropolitana, mais especificamente na cidade de Viamão. O local escolhido para esse encontro foi um salão de beleza, alugado especialmente para realizar o encontro do grupo, em um domingo à tarde.

A cabeleireira, dona desse local, já havia sido recomendada por diversas participantes do grupo, pois o salão é especializado em “cabelo afro”. Para o

encontro, cada participante deveria levar, além das comidas para o lanche coletivo, um produto para o jogo do amigo-secreto, alguns produtos que utilizava para tratar dos cabelos em casa, e o valor de dez reais para colaborar com o pagamento do aluguel do espaço. O objetivo desse encontro também era o de ensinar a usar corretamente os produtos. A dona do salão deixou as administradoras do grupo bastante à vontade para utilizar os lavatórios e os secadores de cabelo, sendo que ela participou do encontro dando dicas e fazendo muitos cortes de cabelo gratuitamente.

O espaço para o encontro era amplo, e o salão, muito bonito. Contava com lugares funcionais — cozinha e banheiro — e a decoração era temática, com quadros, bonecas e máscaras que faziam referência ao continente africano. As cores das paredes e móveis também ganhavam destaque: a amarela, a laranja e a verde estavam por quase toda a parte, fazendo alusão a algumas bandeiras de países do continente africano — Gana, Mali, Nigéria, Costa do Marfim, Guiné-Bissau e outros.

Ao encerrar este capítulo considero que, mais do que parte da metodologia, o trabalho de campo (no caso deste estudo) foi enriquecedor, permitindo-me muitos aprendizados de pesquisa e de vida. Os locais e os produtos aos quais tive acesso foram parte importante da minha trajetória na condição de pesquisadora.

3 O CORPO, O CABELO E O MUNDO

A antropóloga Naomi Wolf (1992), em sua obra intitulada *O mito da beleza*: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres, descreve e analisa com bastante precisão e muita crítica o modo com que a mídia, o consumo e a cultura criam determinados padrões e armadilhas que objetificam e desqualificam as mulheres. O estudo de Wolf é bastante complexo, e ao longo dos capítulos a autora demonstra como cada aspecto da vida tem sido responsável por definir o lugar das mulheres nas sociedades capitalistas, de modo que trabalho, cultura, religião, sexo, fome e violência dão nome a cada capítulo, e explicam como cada uma dessas dimensões oprime e reprime as mulheres na contemporaneidade. Cada desses aspectos impõe às mulheres problemas reais na vida cotidiana, revelando tensões e discussões que permitem pensar em determinados padrões estéticos.

A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. A "beleza" não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica. O povo maori admira uma vulva gorda, e o povo padung, seios caídos. Tampouco é a "beleza" uma função da evolução das espécies, e o próprio Charles Darwin não estava convencido de sua própria afirmação de que a "beleza" resultaria de uma "seleção sexual" que se desviava da norma da seleção natural. O fato de as mulheres competirem entre si através da "beleza" é o inverso da forma pela qual a seleção natural afeta outros mamíferos[...] (WOLF, 1992, p.15).

O que Wolf evidencia é o quanto as representações estéticas de perfeição, beleza e até mesmo de feminilidade têm sido responsáveis por segregar as mulheres por classe e etnia. O padrão ao qual a autora chama a atenção durante boa parte da sua obra faz com que se pense sobre a preferência por determinados modelos estéticos e corporais.

Destaco, aqui, o conceito de beleza e sua construção, como explica a pedagoga Nilma Lino Gomes (2008), na obra intitulada *Sem Perder a Raiz*:

A beleza pode ser, então, entendida como uma categoria estética e construção social, como uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Ela não tem a ver com formas, medidas, proporções, tonalidades e arranjos[...]Quando falamos em beleza, referimo-nos a uma construção cultural e histórica, uma vez que nenhum objeto encarna “beleza pura”[...]. (GOMES, 2008, p.281)

As informações transmitidas às pessoas desde a infância são responsáveis pelo modo de o ser humano se relacionar com o mundo durante a vida, e o que é belo é apresentado de diversas maneiras, seja relativo a pessoas, lugares ou valores, desvelando-se, assim, que o conceito de beleza é uma categoria discursiva que pode variar em seus diferentes contextos.

As noções de beleza são constantemente reforçadas por diversas instituições que socializam as pessoas ao longo da vida (família, escola, cultura), também é necessário compreender que os discursos sobre a beleza não aparecem somente nas “falas” das pessoas, mas são também fruto de determinadas ações diariamente repetidas, tornando-se uma prática incorporada.

Wolf, ao refletir sobre a beleza, não se dedica com especificidade a um país ou a uma cidade, embora seus apontamentos de pesquisa sejam, em grande parte, sobre os Estados Unidos e algumas localidades da Europa — Suécia e Grã-Bretanha. Já, o antropólogo Alexander Edmonds (2010; 2013) aponta tensionamentos interessantes que indicam o modo com que as relações étnicas, de gênero e de classe são construídas no Brasil a partir de referenciais estéticos.

Em *The Biological Subject of Aesthetic Medicine*, o autor realiza uma discussão que coloca em foco o corpo a partir da perspectiva da sua materialidade. O cenário de pesquisa de Alexander Edmonds é a cidade do Rio de Janeiro, mas, especificamente, contextos bastante marcados pela mistura racial e também pelos casos de preconceito e discriminação. É importante compreender que, no Brasil, as relações raciais foram constituídas de maneira diferente em comparação aos Estados Unidos (NOGUEIRA, 2006)¹², país de origem do autor. Sua leitura sobre a situação brasileira é a seguinte: ao admitir a existência de certos marcadores étnicos — o nariz e os cabelos —, o autor considera que esses traços funcionam enquanto

¹² No Brasil opera o preconceito de marca e nos Estados Unidos o preconceito de origem, para melhor compreensão ver: NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. 2006

reforços positivos ou negativos, e ao modificá-los é possível atravessar ou diluir essas fronteiras etnicamente marcadas. É como se através dessas partes do corpo fosse possível afirmar ou negar determinadas etnias. Edmonds utiliza o exemplo da rinoplastia (cirurgia para alteração da aparência nasal) como umas das cirurgias mais realizadas no Brasil, percebendo que o maior público que as realiza são descendentes de indígenas ou negros.

Se existem marcadores sociais e étnicos de beleza produzidos através da cultura e das forças discursivas, há também a presença de materialidade corpórea no momento em que essas cirurgias ocorrem. Edmonds propõe a noção de “agência biológica” como uma provocação para explorar os limites desse “construcionismo” social vigente nas Ciências Sociais, chamando a atenção para uma proposição que consiga lidar com as categorias de raça e beleza. Tentando dar conta de sua proposta metodológica, Edmonds elege a categoria de raça como central na sua análise:

A raça é, naturalmente, uma categoria central na cirurgia plástica, talvez mais do que em qualquer outra especialidade médica contemporânea, com exceção de algumas áreas de genética. Historicamente, os primeiros experimentos europeus em cirurgia plástica tinham como objetivo corrigir traços raciais, como nariz "judeu" e "irlandês". Havia muita ansiedade pública e fascínio com a especialidade nascente no final do século XIX e início do século XX e também havia uma suposta capacidade de mascarar raça [...] (EDMONS, 2013, p.70) (Tradução minha)

Dessa forma, Edmonds diz que essas preferências estéticas revelam as tensões raciais existentes no Brasil, e a cirurgia plástica consegue naturalizar as construções sociais, ou seja, a parte biológica da raça é materializada nesses procedimentos médicos. Os exemplos de cirurgias “corretivas” de nariz talvez sejam os mais interessantes para compreender a proposta do autor, pois o uso da palavra “correção” já pressupõe que algo precisa necessariamente ser melhorado. Nesse sentido, o antropólogo diz que é criada uma “Estética dos Defeitos” e que as preferências estéticas fazem emergir as hierarquias sociais e raciais.

É interessante perceber como o olhar estrangeiro de Edmonds foi capaz de captar diversas tensões existentes no Brasil, especialmente no que se refere à complexidade das relações raciais. Apesar de perceber-se certa generalização ao falar de “Brasil” a partir de um contexto muito específico, a cidade do Rio de Janeiro, os apontamentos feitos por ele parecem consistentes em relação a um segmento da

realidade brasileira. As comparações entre Brasil e Estados Unidos consistem também em uma parte importante do trabalho do autor, pois ele transitou pelos dois espaços, o que lhe permitiu fazer determinada comparação. As categorias de natureza e cultura também dialogam com a sua proposta, pois ao falar em biologia e raça pode-se dizer que ambas as categorias são construtos sociais e a tentativa do autor é no sentido de compreender o quanto a materialidade biológica está envolvida quando esses conceitos são acionados.

Se o corpo se tornou uma questão importante para a antropologia, visando ajudar a compreender os contextos históricos, sociais e culturais, é ele também que marca o lugar das pessoas no mundo. Isso significa que determinadas representações e discursos histórico e socialmente construídos implicarão formas distintas de perceber e vivenciar o corpo. Nesse sentido, determinados corpos parecem estar mais suscetíveis a representações e discursos pejorativos, como é o caso das mulheres, e em especial as mulheres negras, as quais têm sentido com muita intensidade o peso dessas construções desvalorizantes e desvalorizadas, sexualizantes e sexualizadas, marginalizantes e marginalizadas sobre seus corpos. As teorias contemporâneas da antropologia mostram o quanto as produções discursivas da ciência são capazes de modificar as relações com os corpos durante a vida.

3.1 OS CORPOS NEGROS: VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO E RACISMO

O sudeste do continente africano é conhecido por seus povos originários que ainda preservam costumes “ancestrálicos” e é dessa parte do continente que originam os conhecidos Khoisan, um nome que diz respeito a dois povos que vivem nessa região. Mesmo tentando evitar a armadilha de fazer uma caracterização estereotipada desses povos, considero que esses povos têm sido retratados através de uma “particularidade” estética. Ou seja, devido às alterações/adaptações genéticas, esses povos são, em média, mais baixos do que os demais povos africanos. Além disso, possuem uma coloração de pele amarelada e os olhos lembram os traços dos chineses e de outros povos do Oriente. Algumas dessas características são agora comuns a outros grupos étnicos sul-africanos, sendo

parentes distantes, por exemplo, de Nelson Mandela¹³. Aos olhos da Medicina do século XVIII (FLEK, 2010), as mulheres dessa região apresentavam um modelo corporal bastante distinto daquele conhecido pela ciência da época (Figura 9).

Figura 9 – Mulheres Africanas do Povo Khoisan.



Figura 9 - Fonte: (<http://www.lola.ind.br/>).

No mesmo período, início do século XVIII, uma das mulheres dessa região, chamada Sarah Saartjie Baartman, foi retirada de seu lugar de origem e levada à Europa. Além de trabalhar como empregada doméstica, Sarah passou a ser exibida

¹³ Informação retirada de <https://escrevivencia.wordpress.com/2013/01/11/a-venus-negraamulata-exportacao-e-o-corpo-da-mulher-negra-na-sociedade-do-espetaculo/>

em shows de horrores, circos e feiras em diversos locais do continente. Essa mulher ficou conhecida como Vênus Negra ou Vênus de Hentonte (Figura 10). Vênus era “exótica” para as pessoas daquela região por causa do volume das suas nádegas.

Figura 10 – Reprodução do Cartaz onde era Anunciada a Vênus Negra.

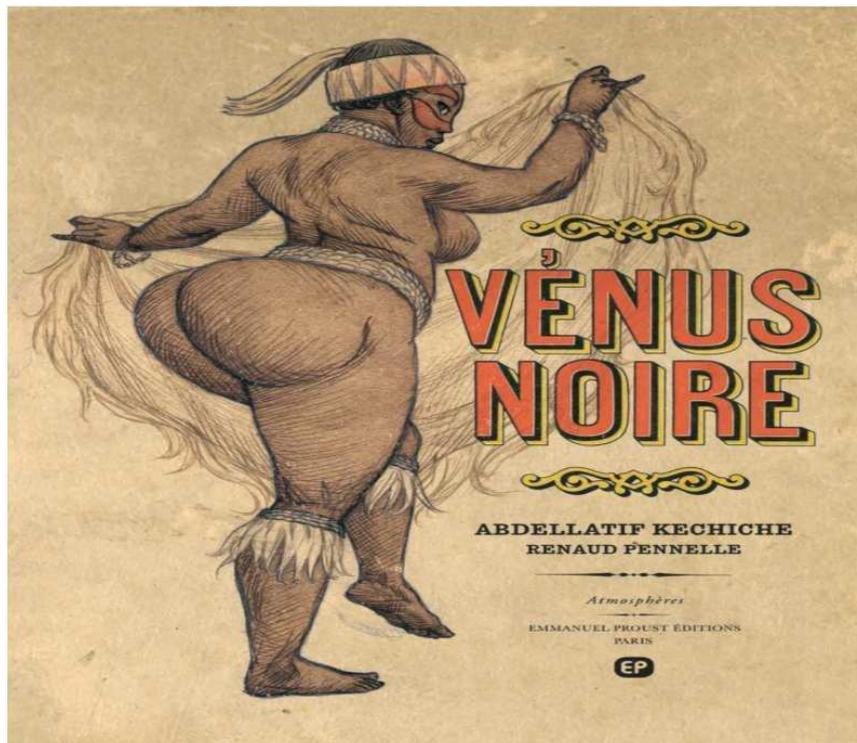


Figura 10 - Fonte: (<http://1.bp.blogspot.com/>-).

A palavra “exótica”, no seu significado genuíno, diz respeito àquilo que é de fora, de outra região, mas também pode significar algo estranho ou esquisito. É comum, ainda nos dias de hoje, o uso dessa palavra para se referir a mulheres negras; são constantes os “elogios”, em que o termo “beleza exótica” é atribuído às mulheres negras e afrodescendentes (VALENTIM, 2015, p.06).

A produção dessas imagens e tantas outras que exotizam os corpos das mulheres, geram efeitos bastante perversos sobre os corpos das mulheres negras. No caso da exposição de Sarah, não apenas havia uma exposição do seu quadril “avantajado”, mas também da sua genitália de dimensões supostamente superiores

às “normais”. Devido a esse tipo de “diferença” foi atribuído às mulheres negras rotulações que remetem a uma sexualidade ativa e exacerbada.

A pesquisadora Ivanilde Guedes de Mattos (2007), em sua tese intitulada *A negação do corpo negro: representações sobre o corpo no ensino da Educação Física*, ao trabalhar com estudantes da escola pública percebe que a relação com a construção da corporalidade negra está atravessada por relações de poder e processos disciplinares. A autora argumenta que, durante muito tempo, algumas instituições estiveram interessadas em controlar e disciplinar determinados corpos – seja através da política, da medicina ou da escola. E que o estereótipo, enquanto representação social, é um mecanismo bastante complexo para se pensar sobre as relações dos negros com os seus corpos. Dessa maneira, a força discursiva que opera para que ocorram as representações pejorativas relacionadas ao corpo da mulher negra faz parte de uma construção histórica, constantemente afirmada e reforçada.

É necessário, portanto, considerar dois agentes bastante responsáveis para que ocorra esse tipo de construção: a escola e a mídia. No caso da escola, além dos brinquedos e das histórias infantis - discutidos no capítulo III deste estudo - os livros didáticos constroem e reforçam a ideia de um corpo negro forte, para trabalho braçal, mas ao mesmo tempo submisso ao poder estrutural. É muito comum encontrar nos livros didáticos da disciplina de história representações sobre a escravidão em que os negros aparecem sendo açoitados, trabalhando ou sentados encurvados, em posições que indicam estados de submissão (Figura 11), ao invés de imagens do jogo de capoeira ou do culto aos Deuses Africanos, fatos que também ocorreram durante o período escravagista. A valorização do açoitado em detrimento da capoeira revela uma escolha na maneira de contar a narrativa da escravidão, em que o protagonismo e cultura dos negros africanos não é valorizada.

Figura 11 – Mulheres Negras Trabalhando durante o Período Colonial.



Figura 11 - Fonte: (<http://a-historia-do-trabalho-escravo.webnode.com/blog/>).

Outro agente muito potente na construção e no reforço desse tipo de pensamento é a mídia - as campanhas publicitárias, as novelas, os programas de televisão são também responsáveis pelo lugar designado pelas mulheres negras na sociedade. Nesse sentido, os anúncios publicitários tratam as mulheres de maneira geral (negras e brancas) de forma estereotipada. As mulheres negras, muitas vezes são esquecidas na hora de vender os produtos para as grandes marcas, ou seja, são invisibilizadas pelas campanhas publicitárias. E quando aparecem, seus corpos surgem de forma hiperssexualizada e estereotipada (Figura 12).

Figura 12 – Campanha Publicitária da Cerveja Devassa



Figura 12 - Fonte: (<http://www.mcnadv.com.br/noticias/migalhas-com-br/nao-e-ofensiva-propaganda->).

Com a frase “É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra”, a imagem acima fez parte da campanha publicitária da marca de cerveja Devassa no ano de 2013. Para divulgar outra opção de cerveja, a de cor escura, a marca utilizou a imagem de uma mulher negra fazendo alusão à coloração da bebida. A campanha foi publicizada durante pouco tempo, pois, após ser alvo de muitas manifestações, a Devassa deixou de veicular o anúncio¹⁴.

O episódio ocorrido com a marca Devassa releva que os movimentos de invisibilidade e hiperssexualização ocorrem ao mesmo tempo. Ao não aparecerem como “belas” nas campanhas das grandes marcas para vender produtos de beleza, por exemplo, a marca francesa Lâncome, que somente em 2014 utilizou uma modelo negra para vender seus produtos de maquiagem¹⁵, às mulheres negras é destinada a condição quase de objeto, o que coloca seus corpos na situação de produto, algo que pode ser consumido, vendido, comprado, como é o caso da publicidade da cerveja Devassa.

Enquanto instituição social, a cultura opera em favor de normas e padrões socialmente estabelecidos, assim, na “cultura brasileira” uma das festas mais aguardadas do ano é o carnaval. Talvez pelas questões que envolvem os rituais e inversões de sistemas e hierarquias, como apontou Roberto Damatta (1997) em sua obra intitulada Carnavais, Malandros e Heróis, ao se pensar sobre a questão corporal aqui problematizada, o carnaval se revela um período contraditório e ambíguo ao se falar sobre o corpo da mulher negra.

Desde os anos 1990 a TV Globo, no período do carnaval, apresenta uma mulher negra nua dançando em ritmo de samba. Essa mulher ficou conhecida como Globeleza (Figura 13). Desde sua primeira aparição na televisão essa personagem do carnaval brasileiro foi objeto de diversos temas, e várias modelos desempenharam esse papel. Pode-se dizer que a Globeleza é, por excelência, a referência de beleza negra no Brasil, seja por todas as menções feitas ao corpo durante o período de carnaval, seja pela fantasia e fetichização relacionadas ao corpo da mulher negra.

¹⁴ Retirado de: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-verdadeiro-crime-da-propaganda-racista-da-cerveja-devassa/>

¹⁵ Retirado de: <http://www.lancome-usa.com/discover-lancome/ambassadors/lupita-nyongo>

A construção midiática da imagem da mulher mestiça, de pele clara, também popularmente nomeada de “mulata”, remete às imagens do carnaval e, conseqüentemente, à imagem da Globeleza. Assim, nessa análise, ela pode ser considerada um grande símbolo da hiperssexualização que a mídia produz sobre o corpo das mulheres negras.

Figura 13 – Todas as Gerações de Globelezas, por Ordem de Sucessão.



Figura 13 - Fonte: (http://www.purepeople.com.br/noticia/globeleza-voce-lembra-de-todas-as-mulatas-davinjeta-de-carnaval-da-globo_a37699/1).

A imagem acima apresenta todas as gerações de Globeleza, sendo que a primeira delas, a modelo Valéria Valença, permaneceu por mais de dez anos ocupando o cargo. Percebe-se que quatro das cinco modelos apresentam uma tonalidade de pele clara, fazendo alusão à “mulata”, conforme já mencionado. Porém, a modelo de número quatro merece atenção especial.

Em uma intensa disputa de passistas exibida pelo programa de televisão Fantástico, em 2014, a modelo Naiara Justino foi eleita pelo público a nova Globeleza. Mas as repercussões dessa escolha não foram positivas. Em um documentário produzido pelo jornal inglês The Guardian, Naiara conta que meses depois de assumir o cargo foi simplesmente retirada dele após uma enxurrada de críticas ruins que recebeu. A modelo diz que foram muitas piadas, montagens (Figura 14) e apelidos dados a ela via redes sociais e que leu muitos comentários de pessoas que não gostavam dela como Globeleza por sua pele ser “escura demais”

Figura 14 – Montagem com a Globeleza Naiara Justino

Acerola e Globo-Feiura
**Será que o Acerola do Cidade de Deus e a nova Globeleza são irmão:
 gêmeos?**



Figura 14 - Fonte: (<https://martinsogaricgp.blogspot.com.br/2014/01/globeleza-ou-globo-feiura.html>).

Na montagem acima, Naiara Justino é comparada ao personagem de “Zé Pequeno”, do filme nacional Cidade de Deus. Na história do filme, Zé Pequeno é um traficante muito violento e perigoso, e apesar de suas conquistas em relação ao domínio do tráfico na comunidade em que está inserido não possui o mesmo sucesso em relação às mulheres e à vida amorosa. Na trama, o narrador da história menciona diversas vezes que essa dificuldade em encontrar uma parceira está relacionada, principalmente, ao fato de “Zé Pequeno” ser “muito feio”.

No Brasil, o mito da democracia racial se constituiu um subterfúgio, e durante muito tempo permitiu que fossem encobertos os problemas reais de um país com questões raciais muito mal resolvidas. O caso da modelo evidencia o pensamento de muitos brasileiros sobre o que é considerado belo ou não. Há certa tolerância para considerar mulheres negras bonitas. Naiara ultrapassou o gradiente de cor tolerável e foi considerada feia, não sendo digna e nem capaz de ocupar aquele lugar. Ao se analisar a imagem das cinco gerações de Globeleza percebe-se que a modelo Naiara é a única que possui um tom de pele mais escuro.

Durante o carnaval, além dos desfiles das escolas de samba - nos sambódromos da cidade do Rio de Janeiro, onde os desfiles atraem milhares de turistas - são frequentes, em algumas cidades do Brasil, os bailes à fantasia em clubes, e shows na rua com carros de som, os conhecidos trios elétricos, como é o caso de Salvador (BA) e Recife (PE). Nesses casos, uma das fantasias mais tradicionais é conhecida como “nega maluca” (Figura 15).

Figura 15 – Fantasia de Nega Maluca no Carnaval.



Figura 15 - Fonte: (<http://arquivo.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-mundo/15899-y-a-bonbanania-e-a-influencia-continua-no-estereotipo-do-negro>).

Inspirada no *blackface*¹⁶ dos Estados Unidos, no século XIX, a fantasia de “nega maluca” exagera nos traços, ridiculariza os cabelos e escurece a cor da pele, pintando-a de preto. Há também uma maquiagem demasiada e confusa. Na imagem acima, os dentes, que fazem parte da fantasia, aparecem irregulares e bastante tortos, o que parece inferir uma questão de classe, pois os tratamentos

¹⁶ Refere-se à prática teatral de atores que se coloriam com o carvão de cortiça para representar personagens afro-americanos de forma exagerada e estereotipada - geralmente em *minstrel shows* norte-americanos. No início do século XX, o *blackface* ramificou-se dos *minstrel shows*, tomando forma própria até o seu fim nos Estados Unidos graças ao Movimento dos direitos civis dos negros naquele país. A prática ganhou popularidade durante o século XIX e contribuiu para a proliferação de estereótipos em relação aos afro-americanos. Em 1848, *minstrel shows* com *blackfaces* eram uma arte nacional americana da época traduzida em arte formal, como óperas, em termos populares, para uma audiência geral. Fonte: <http://www.geledes.org.br/nega-maluca-black-face-e-racismo/>

odontológicos, em sua maioria, ainda são algo restrito à classe média no Brasil (ASSIS, 2013). Esse conjunto de atributos desfavoráveis é responsável por desumanizar e estereotipar as mulheres negras e seus corpos.

As mulheres negras e seus corpos são constantemente submetidos a estruturas rígidas de controle e poder, assim, os processos discursivos das ciências, das instituições e da sociedade de maneira geral tendem a conformá-los em determinadas posições, atribuindo-lhes determinados papéis. Dessa maneira, em qualquer sociedade os corpos estão presos no interior de poderes que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 2004, p. 126).

Para refletir sobre as relações de poder impregnadas na estrutura social, recorro à perspectiva de Veena Das, quando diz que, apesar de tudo, é possível atravessar uma estrutura social rígida e “habitar o mundo” de maneira diferente. Em *The act of witnessing: violence, knowledge, and subjectivity*, Veena Das (2000) relata a dureza da estrutura do sistema indiano, à qual sua interlocutora, Asha, está submetida, especialmente por ser uma mulher viúva. No texto, a autora revela as estratégias de resignificação do sofrimento, da dor e da violência que Asha consegue realizar. Nessas estratégias de resignificação, o silêncio passa a ser uma ferramenta potente para lidar com toda aquela situação desoladora. O processo de recolocar-se e habitar novamente aquele mundo, causador de tanta dor e sofrimento, é para a autora uma agência, efetivada não em momentos extraordinários, ao contrário, exatamente na ordinariedade do cotidiano. Para essa autora, as reflexões a respeito do fluxo da vida padecem do impulso de pensar a agência em termos de transgressão e não como um trabalho cotidiano de levar a vida adiante, mesmo dentro das adversidades¹⁷.

Das e Kleinman comentam, na introdução do livro *Remaking a World*, que é possível localizar situações - “momentos agentivos” - nas quais grupos subalternizados dizem não ao poder. Entretanto entendem que há mais sutileza no processo de reconstrução de subjetividades devastadas pela violência. Nas suas palavras: “Encontrar a sua própria voz na reconstrução do mundo é também uma questão de ser capaz de recontextualizar as narrativas de devastação e gerar novos contextos através dos quais a vida cotidiana torna-se possível”.

¹⁷ Ver: Di Fruscia (2010).

Essa perspectiva é fundamental para o presente estudo, no qual, embora seja possível identificar um “momento agentivo” às reuniões presenciais do grupo “Gurias Crespas e Cacheadas”, o que está em jogo é como as mulheres negras pesquisadas reelaboram suas percepções e alteram suas subjetividades, imprimindo novos significados ao mundo que habitam. Dessa maneira, o cabelo não é somente uma expressão identitária, mas é também uma maneira de ressignificação da estética, da etnicidade e da existência.

Assim, além do uso político dos cabelos, há outras estratégias de ressignificação da corporalidade negra feminina: a implementação da Lei 10639/03 nos espaços escolares, o uso de turbantes fora de rituais religiosos, a discussão e a adoração pública das religiões de matriz africana, as rodas de capoeira em locais públicos da cidade, marchas e passeatas com assuntos que dizem respeito à população negra, as reivindicações de festas de “música negra”, as bonecas negras, as feiras exclusivas para empreendedores negros, os concursos de beleza negra, as mídias direcionadas ao público negro (incluindo revistas, jornais, novelas, seriados e programas musicais), entre outras manifestações.

3.2 A CENTRALIDADE DO CABELO – CONSTRUINDO UM CABELO “NATURAL”

Na obra intitulada *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*, Tim Ingold (2012) narra que a relação entre “sujeito” e “objeto” se estabelece a partir de malhas, ou *meshwork*; os fluxos (extensões da malha) seriam tecidos através de novas relações durante o movimento. Nesse sentido, as relações e associações vão ganhando novos significados, ou seja, estariam sempre em estado de potência, de devir.

Sem a pretensão de discutir a complexidade da teoria ingoldiana, a maneira como trabalha o tradicional par de oposição “sujeito” e “objeto”, torna-se útil, aqui, pensar sobre a maneira com que são construídas a etnicidade e a corporalidade, especialmente ao se falar em estética negra feminina. Assim, tornou-se necessário compreender que corporalidade e etnicidade se constituem em relação a determinadas partes do corpo e através de alguns produtos consumidos.

A discussão sobre a importância dos produtos é bastante ampla. Observa-se que a mudança de produtos em diferentes fases da vida acarreta novas maneiras de ver, sentir, perceber e se relacionar com o corpo. Portanto é fundamental pensar sobre como esses produtos estão reconstruindo os discursos e práticas relativos aos corpos durante a trajetória de vida.

Pensando no corpo como passível de fragmentação, algumas de suas partes parecem transmitir certos tipos de mensagem, nesse sentido, é interessante indagar: por que o cabelo se torna um elemento discursivo importante para falar de afirmação identitária negra? Ou, por que os cabelos e não outras partes do corpo?

Em *Totemismo Hoje* (1975), Lévi-Strauss afirmou que os animais serviriam para comer (no sentido de nos servir como alimento), mas que antes de tudo seriam bons para nos fazer pensar. Compreendo os cabelos da mesma maneira; são bons para nos fazer pensar e também para agir, sendo capazes de proporcionar discussões muito mais amplas. Os cabelos estão envolvidos em uma história cheia de simbolismos e significados ao longo do percurso da humanidade.

Na obra *Trichologiques, une anthrologie des cheveux et des poils*, o pesquisador Christian Bromberger (2010) defende que a importância dos pelos em diferentes partes do corpo é capaz de marcar e transmitir significados distintos. O autor relata que, ao longo da história da humanidade, os pelos corporais passaram a ser representados e interpretados de diferentes maneiras, de acordo com os diversos contextos culturais.

No capítulo denominado *Frontières ethniques et sociales*, Bromberger apresenta uma classificação fenotípica que divide as pessoas em três grupos étnicos distintos: o primeiro grupo, denominado *leiotriches*, seriam pessoas com a cor de pele branca e cabelos lisos; - o segundo, nomeado de *cymotriches*, a pele já não é tão branca e os cabelos são levemente ondulados; - e, por último, o *ulotriches*, composto por pessoas com os cabelos em formato enrolado ou espiral e que apresentam características fenotípicas de etnia negra. A classificação descrita pelo autor considera que não é apenas a cor da pele que atribui aos seres humanos determinado pertencimento étnico, mas também o formato do cabelo o assinala.

Apresentando uma série de fotografias, pinturas e desenhos que vão desde a antiguidade (pintura de Jesus Cristo) até períodos mais atuais (o jogador francês Bacary Sagna, em 2009), Cristian Bromberger ainda diz que as classificações étnicas e sociais são variáveis e dependem muito da aparência corporal, e em

algumas regiões do mundo os pelos corporais poderão definir status, poder e beleza. O que o autor tenta demonstrar durante toda a sua obra é o quanto os pelos corporais, em especial os cabelos, estão envoltos em códigos e significados que permitem compreender e adentrar determinados contextos históricos, políticos, sociais e culturais.

No caso deste estudo, o cabelo detém papel importantíssimo. Mesmo não sendo o objeto central, foi a partir das discussões em torno dele que se tornou possível minha entrada em campo e a participação no grupo. Pensar sobre o cabelo, na maneira proposta por Bromberger, permite que se compreenda de que modo o gênero, a corporalidade e a etnicidade são capazes de ajudar a pensar sobre a cultura.

No livro intitulado *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, Gomes (2008) percorre, durante dois anos, quatro salões de beleza na cidade de Belo Horizonte, tentando compreender a relação dos negros com seus cabelos e suas estéticas. A autora analisa como a questão do cabelo do negro revela zonas de tensão (GOMES, 2008), e os imaginários em torno dele dizem muito sobre as relações entre negros e brancos no Brasil. Também afirma que os processos de rejeição, aceitação e ressignificação são fundamentais para compreender o lugar que o cabelo ocupa na vida dos negros, especialmente na vida das mulheres negras. Durante todo o seu estudo, Gomes utiliza o termo manipulação a fim de explicar a ação que envolve as alterações capilares.

Atualmente, as redes sociais têm se mostrado bastante ativas na disseminação de produtos específicos para a população negra. Os blogs *Meninas Black Power*, *Blogueiras Negras*, *Geledés Instituto da Mulher Negra*, e outros, pautam discussões sobre conflitos raciais, desigualdades de gênero e mercado de trabalho, mas também produzem ampla discussão sobre o mundo da moda, o consumo e o “cabelo afro”. Esses blogs mostram, recorrentemente, depoimentos de mulheres negras que contam suas trajetórias e histórias de vida; contam como se livraram dos imperativos dos cabelos lisos e admitem o quanto o cabelo “afro” lhes “resgata a autoestima”, o quanto se sentem “mais negras” com seus cabelos naturais. Nesse sentido, o cabelo se apresenta como um elemento de resistência, passando por um processo de ressignificação.

Revistas, jornais, televisão, e agora, na era digital, os blogs e as redes sociais, exercem um papel extremamente relevante e educativo, sendo que o uso

dos “produtos étnicos” e a manipulação dos cabelos constituem um campo de significados que não pode ser ignorado. Talvez os cabelos sejam a parte mais flexível do corpo, sendo possível mudá-los com cortes, penteados e pinturas ao longo da vida. O que importa para a presente pesquisa não é a questão do cabelo em si, mas sim como os produtos podem ser usados (e interpretados) para entrar ou sair da fronteira étnica, ou seja, como a relação com os cabelos, ao longo da vida, foi capaz de modificar os modos de ser mulher negra.

Diante das considerações de Bromberger e Gomes, pode-se considerar de que modo o cabelo constitui a corporalidade das pessoas. Para o grupo pesquisado, os cabelos crespos podem ser classificados como “*black*”, “afro” ou “natural”.

O cabelo crespo *black* geralmente refere-se ao volume — àqueles crespos bem volumosos e quase sem cachos. Percebe-se que essa adjetivação, na verdade, é um diminutivo da expressão *black power*, pois nomeá-lo *black* é fazer uma referência direta ao movimento *black power* norte-americano, na década de 1960¹⁸.

A adjetivação “afro” também se refere aos crespos, mas “afro” pode ser um crespo com cachos ou que não possua esse formato tão definido. Nomear o crespo de “afro” é tentar uma aproximação com o continente africano e com uma África imaginada (ver capítulo V deste estudo). Se o crespo “*black*” e o “afro” remetem a questões de unificação, poder e negritude, o que significa nomear o cabelo crespo de “natural”?

Durante a presente pesquisa, essa questão foi um das que mais me inquietou — a percepção de que cabelo crespo é “natural”. No grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” os cabelos exigem muito cuidado e dedicação, como já foi demonstrado, e para que ele fique “natural” é necessária uma série de intervenções, que, na verdade, são artificiais. A compreensão de que o cabelo é “natural” é porque ele não é mais tratado com químicos alisantes, voltando à sua textura supostamente original.

Na pesquisa antropológica, nomear algo de natural aciona uma série de outros conceitos e compreensões que não são simples. Pensar sobre a categoria natural (natureza) leva ao conceito de cultural (cultura). Os debates sobre cultura continuam a desafiar, são potentes e fundamentais para a compreensão de novas perspectivas e olhares, especialmente no que diz respeito aos povos tradicionais.

¹⁸ Retirado de <http://www.afreaka.com.br/notas/black-power-instrumento-de-resistencia-e-cultura/>

Repensar o conceito de cultura implica um posicionamento político diante dos cânones da ciência.

É necessário localizar cada discussão antropológica como resultado de um contexto sócio-histórico mais amplo, sendo assim, o conceito de cultura que hoje é alvo de muitas críticas foi formulado em um período em que o desenvolvimento da ciência era modernista e buscava a separação entre a natureza e a cultura. O domínio daquilo que se acreditava ser natureza fez parte de ciências naturais e sociais, assim, a escola denominada Antropologia Evolucionista, por exemplo, tratou a cultura de maneira hierárquica, atribuindo-lhe graus de aperfeiçoamento. Hoje em dia, esse modelo de análise não caberia nos estudos que se está discutindo. Problematizar cultura obriga a recorrer a outro arcabouço teórico para pensar as pesquisas, o que leva a repensar diversos outros conceitos que estariam atrelados às novas maneiras de pensar cultura.

Neste estudo optei pela palavra “natural” sempre entre aspas, pois compreendo essa categoria como fundamental e importante para o grupo, mas também sei dos problemas que seu uso indiscriminado acarreta.

3.3 A PALAVRA “ÉTNICO”

A palavra étnico diz respeito a pessoas que se identificam ou são identificadas por terceiros a partir de suas semelhanças e características comuns¹⁹, ou seja, ela pode referir-se a qualquer grupo racial. Mesmo assim é possível perceber que étnico geralmente se refere à população negra, especialmente quando se está diante de produtos ou situações em que os negros estão sendo exaltados e elogiados.

Nos últimos quatro encontros das “crespas e cacheadas” dos quais participei, além dos momentos já mencionados — a “história do cabelo”, o piquenique e o amigo-secreto – também houve o momento bazar. Várias integrantes do grupo têm o seu próprio negócio e vendem “roupas étnicas”, “brincos étnicos”, “pulseiras étnicas”, “anéis étnicos”, “batons étnicos” e “lenços étnicos” que também são chamados de

¹⁹ Retirado de: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903-2/>

turbantes. Durante os últimos encontros esse momento foi um dos mais aguardados pelas participantes.

A palavra “étnico” adjetiva boa parte dos produtos que circulam no grupo, uma das razões para estar relacionada a tudo o que esse termo remete. Segundo Lívio Sansone,

hoje em dia, no mundo inteiro e no Brasil, etnicidade tornou-se um termo conhecido. É parte integrante das reportagens jornalísticas sobre uma multiplicidade de temas, como a culinária exótica, as festas de regiões distantes e até a moda — a Folha de São Paulo, um jornal de primeira linha, publica com certa regularidade matérias sobre desfiles de “moda étnica”. A “eticidade” tornou-se uma parte essencial da propaganda de produtos de beleza. O xampu para cabelo encarapinhado é hoje simplesmente chamado de xampu étnico. Ou seja, “étnico” passou a substituir termos como exótico, estranho, não branco ou, em linguagem simples, raro e diferente. Essas tendências na maneira como a cultura popular tem-se havido com a diversidade étnica e racial fazem parte de uma mudança maior e momentosa. (SANSONE, 2004, p.10)

O uso dessa palavra entrou no mercado da beleza indicando que determinados produtos são direcionados a alguma etnia específica. É comum encontrar essa adjetivação nos produtos de beleza direcionados à população negra. Sobre os cabelos e os “produtos étnicos” é possível pensar em duas perspectivas: a primeira revela a intenção de estabelecer conexões com uma suposta matriz africana (discuto-a no capítulo V), pois ao optar por manter os cabelos “naturais” em plena e ampla gama de produtos químicos e tratamentos corresponde à sinalização de certo grau de pertencimento e identificação com as raízes e os antepassados. A segunda é a do campo da moda e do consumo. Mesmo que seja negada, algumas vezes os cabelos combinados com roupas e estampas coloridas marcam um estilo e uma ideologia. Sendo assim, os negros têm buscado tempos-espacos de resistência, afirmação e construção de identidade nas práticas musicais, religiosas, culinárias e agora, na contemporaneidade, em territórios do consumo específico.

4 MEU PASSADO ME CONDENA

Conforme aludi no capítulo II desta dissertação, nos encontros coletivos do grupo havia uma parte dedicada à partilha de histórias individuais. Os relatos individuais sempre traziam uma narrativa de um passado muito ruim e de lembranças bastante dolorosas em relação aos cabelos e ao corpo.

A gramática étnica, sugerida na introdução deste estudo, não apenas define regras para expressão, mas também conforma a maneira de ser e estar no mundo. Assim, os modos de sentir e de falar o que é sentido são aprendidos durante o convívio social com outras mulheres negras. E os relatos das fases da vida, apesar de suas particularidades, apresentam algumas regularidades, especialmente por se centrarem na construção de um passado ruim e de um presente empoderado e positivado.

Durante o tempo em que acompanhei o grupo era comum ouvir, no meio de cada relato, a frase “meu passado me condena”. Essa frase coloca o passado, durante as narrativas, em um lugar que deve ser lembrado com alguma distância e arrependimento. De certa maneira, o “condena” parece implicar uma acusação que precisa ser revelada e até mesmo julgada pelas demais participantes do encontro. Assim, apresento o modo com que minhas interlocutoras refletem sobre esse passado que as condena. E embora uma delas destaque um período da vida como o mais marcante, há um ponto capaz de unir essas três diferentes trajetórias: a construção de um passado ruim. Nesse sentido, construir um passado, considerando-o ruim na narrativa não significa que ele não tenha sido, em seu todo, uma experiência negativa. Quer dizer apenas que a maneira de relatá-lo possibilita que ele seja contrastado com o presente que é muito melhor.

Analisando as narrativas em conjunto percebo que o passado de minhas interlocutoras se divide em duas fases: a primeira corresponde ao período da infância e idade escolar, e a segunda, à adolescência. A partir das suas trajetórias individuais pude perceber que a passagem de uma fase para a outra é marcada não apenas pela idade cronológica, mas sim pela alteração da relação com os cabelos e com o corpo.

Para evitar qualquer possibilidade de identificação, as entrevistadas serão nomeadas apenas pelas letras A, B e C. O relato de A é sobre o período da

infância; o de B, sobre sua adolescência; e C relata a idade adulta. Ao iniciar as entrevistas, meu questionamento inicial era: “como foi a tua relação com os cabelos desde a infância? ”.

4.1 “BARBIE, TUDO QUE VOCÊ QUER SER!” - A INFÂNCIA

Minha primeira interlocutora — A — está na casa dos 20 anos, possui formação universitária na área da comunicação e está cursando sua segunda graduação na área da saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi no primeiro encontro com o grupo que a conheci e desde o início estabelecemos uma relação cordial e amigável. Foi a curiosidade dela em relação às minhas anotações o mote para iniciarmos uma conversa.

Durante o tempo em que acompanhei o grupo, A compareceu a boa parte dos encontros e sempre conversávamos sobre a universidade, sobre meu trabalho na antropologia e o trabalho dela na comunicação. Além disso, por coincidência, nos encontramos em outros eventos e espaços que não foram organizados pelo grupo — shows, shoppings, praças e em algumas feiras de moda e consumo alternativo na cidade de Porto Alegre.

Conseguir marcar uma entrevista com ela foi um pouco complicado por conta dos nossos desencontros de dias e horários. Mesmo assim, ela sempre se mostrou aberta e cooperativa em relação a minha pesquisa. Nossa conversa foi informal e ela foi me contando livremente como a sua relação com os cabelos foi se alterando ao longo da vida:

O meu cabelo sempre foi uma parte muito importante em como eu me enxergava desde criança, sempre tive a maioria de colegas brancas e elas sempre tiveram cabelos lisos e então deixavam soltos. Minha mãe sempre prendia o meu em tranças e isso me incomodava um pouco. Lembro de tentar soltar algumas vezes no colégio e as outras crianças me chamarem de bruxa. Isso me doía muito, acho que pode ter sido o início de um período de baixa autoestima.

A infância de A foi marcada como um período bastante triste por conta da aparência, especialmente pela relação construída com o seu próprio cabelo e ao

falar em colegas brancas. Sabe-se que a escola é uma instituição onde não só se aprende e se compartilha conhecimentos formais, mas também é um espaço de convivência e compartilhamento de valores (GOMES, 2002). Assim, a escola é construída em um espaço onde há a reprodução de crenças, preconceitos e padrões.

Gomes (2002), ao conduzir seu estudo sobre os salões étnicos em Belo Horizonte, percebe porque a infância e o período escolar são períodos-chave na vida dos seus interlocutores:

A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/ racial e o seu padrão estético. O corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário. [...] A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. A escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos. (GOMES, 2002, p.41-47)

Como referido no capítulo anterior deste estudo, a escola já havia sido apontada pelas participantes do encontro como um agente bastante responsável pela continuidade das situações de preconceito, porém a escola é apenas um elemento que faz parte da vida de cada um. Em outra ocasião, conversando com A durante um dos encontros, ela me falou que, na condição de estudante da área de comunicação, não conseguia compreender por que as publicidades eram tão preconceituosas e que isso era reflexo da falta de publicitários negros no mercado. Nessa mesma ocasião, nos lembramos de alguns comerciais que fizeram sucesso durante a nossa infância, e A disse: “Lembra do comercial da Barbie? Todas queríamos ser a Barbie!”.

A boneca Barbie surgiu nos Estados Unidos, no final dos anos 1950, e atravessou muitas gerações fazendo parte da infância de muitas crianças em diversas partes do mundo. A boneca foi (e ainda é) influente no mundo da moda, e é considerada padrão estético de beleza. Pode-se dizer que a Barbie também ensina às crianças como elas devem se apresentar corporalmente, vendendo não apenas seus produtos, mas o estilo de vida que está em alta no mercado (ROVERI, 2012). A mensagem dos comerciais e slogans publicitários atingem diferentes públicos ao

redor do mundo, onde a pele branca e o cabelo loiro e liso da boneca são julgados belos.

Com o slogan “Barbie, tudo que você quer ser! ”, a boneca chegou ao Brasil na década de 1980 (ALTMANN, 2013, p. 275), e desconsiderando todas as diferenças regionais e físicas das mulheres brasileiras, apresentou a versão clássica da boneca com pele branca, cabelos loiros e lisos e corpo esguio. E além dessa versão, também é possível encontrar outras: Barbie Médica, Barbie Dentista, Barbie Professora, Barbie Bailarina, Barbie Cantora, Barbie Cheff, Barbie Ginasta, Barbie Surfista. Há uma infinidade de modelos, mas todas elas apresentam o mesmo padrão corporal, nem mesmo na versão surfista da boneca a cor da pele é “bronzada”.

Com o passar dos anos, a ascensão econômica da população negra produziu algumas mudanças, propiciando a flexibilidade de algumas empresas. No Brasil, a fabricante de brinquedos Mattel trouxe ao mercado a Barbie Negra norte-americana (Figura 16). Mesmo não tendo traços de uma mulher negra, nem cabelo crespo, a inserção da boneca no mercado constituiu-se em uma alteração bastante significativa, pois já surgia uma nova perspectiva em que a boneca branca deixava de ser única e passava a ser uma opção, assim, admitia-se outro tipo de beleza. Hoje em dia, já é possível encontrar, no mercado, mesmo com muita dificuldade e preço elevado, Barbies Afro (Figura 17), com roupas típicas e traços reais de uma mulher negra de cabelos crespos.

Figura 16 - Barbie Negra Norte-americana



Figura 16 - Fonte:
(<http://www.michiganbarbiedolls.com/barbienegras>).

Figura 17 - Barbie Princess of South Africa



Figura 17 - Fonte:
(<http://www.michiganbarbiedolls.com/barbienegras>).

Em janeiro de 2014, o jornal Estadão (*on-line*) publicou uma reportagem sobre a ascensão de uma linha de bonecas negras da Nigéria, ultrapassando, inclusive, a

boneca Barbie em vendas no país. O modelo nigeriano de boneca é muito semelhante ao da Barbie, porém as roupas e os cabelos parecem estar mais de acordo com o que é usado pelas mulheres dos países africanos. Se o modelo nigeriano de boneca se revela uma alternativa ao apresentar uma boneca negra, com trajes “típicos” e com os cabelos trançados ou crespos (*black power*), os ideais estéticos que envolvem principalmente a magreza ainda não estão sendo questionados.

A minha interlocutora A conta um pouco sobre sua adolescência e fase recente:

Me via nas fotos, durante a adolescência, sempre de cabelo preso em coques e isso fazia com que eu sentisse vergonha de mim mesma. Sempre achei que a vida das outras meninas fosse mais fácil que a minha por elas terem um cabelo mais aceitável. Isso implicou com que eu nunca me sentisse bonita até há uns anos atrás, quando alisei meu cabelo, no 3º ano do ensino médio. Por essa idade eu até já deixava meu cabelo mais solto, mas como não sabia cuidar, nunca ficava definido ou de um jeito que eu realmente gostasse. O penteado se resumia em um rabo de cavalo todos os dias, quando ele ainda era cacheado. Quando alisei, adotei os fios soltos e me senti mais confiante. As pessoas me elogiavam mais, diziam que eu estava mais bonita e eu acreditava mesmo. Antes disso eu já recebia elogios, mas eles aumentaram. Com o cabelo liso, deixei crescer e ele ficou na altura do meio das costas. Nessa época eu já estava na faculdade e começava a me sentir diferente das minhas colegas, novamente. Meu cabelo já estava liso, mas não era suficiente. Claro que tem a ver com o preconceito e com relação ao fato de vir de escola pública e ser bolsista, comparando à maioria que era novamente branca e provinda de escola particular. Retocar a raiz dos meus cabelos era um dos momentos mais esperados do ano, visto que esconder os cachos que começavam a nascer por baixo me causava certo desespero. Ir para a praia com as minhas amigas era lidar com minhas limitações de não poder molhar o cabelo de chapinha ou passar horas alisando a raiz depois de tomar banho. Era quase uma prisão. [...]. Nesse período de transição revi muitos pré-conceitos com relação ao cabelo cacheado, como a crença de que ele não combinaria com momentos mais formais. Me formei na faculdade e fiz questão de estar com os fios naturais. Não vejo meu cabelo apenas como estilo, mas como resistência a um padrão que já quis seguir. Atualmente, me sinto mais próxima as minhas raízes, mais compreensiva comigo mesma por me aceitar esteticamente do jeito que sou. É uma vida mais leve.

A adolescência e a idade adulta de A revelam a persistência de problemas relacionados à aparência. A dificuldade econômica também faz com que ela se sinta

diferente das demais colegas de Faculdade, situação semelhante à vivida na infância.

4.2 MINHA PRIMEIRA QUÍMICA - A ADOLESCÊNCIA

Talvez o público adolescente seja um dos mais consumistas na atualidade, devido à variedade existente no mercado no que diz respeito aos modelos de roupas, celular, tênis, etc.. Grande parte do que é consumido por esse público é ditado pelos meios de comunicação. Nos anos 1990, a revista Capricho e a emissora MTV tiveram grande impacto no comportamento dos adolescentes, o que me parece relevante falar um pouco sobre essa revista.

Na revista Capricho havia sugestões de moda, lazer, maquiagem e penteados, porém as sugestões eram acessíveis apenas a algumas leitoras. Durante o trabalho de campo, os relatos sobre a fase da adolescência eram bastante similares, pois foi a fase em que as interlocutoras iniciaram os tratamentos com produtos químicos. Pode-se entender a adolescência como um período de grandes mudanças físicas e psicológicas (NETO; SANTOS; SOUZA, 2011), sendo assim, a mudança da textura do cabelo, através do tratamento com agentes químicos, pode indicar a construção de uma nova identidade, negando o cabelo natural ou as tranças feitas na infância; pode-se considerá-la uma fase de rompimento com a infância.

Minha segunda interlocutora, a que chamo de B, está na faixa dos 40 anos e é estudante na área de comunicação. Ela tem uma história interessante, pois após ter trabalhado mais de dez anos no escritório de uma mesma empresa decidiu abandonar o emprego e tentar uma nova carreira, fazendo vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Desde a primeira vez que nos vimos ela se mostrou muito comunicativa e colaborativa. Quando conheci o grupo ela era uma das responsáveis pela organização dos encontros, então, antes de me encontrar pela primeira vez com o grupo, conversei com ela durante toda a semana e ela foi me explicando como era a organização do coletivo e como eram organizados os encontros. No dia do evento, ao entrar no Parque da Redenção para me reunir com o grupo, ela me avistou de

longe, fazendo sinais para que eu me aproximasse, e logo iniciamos uma conversa, antes mesmo da abertura do encontro.

Talvez pela distância que construiu com seus cabelos durante a infância, B tenha uma preocupação muito grande com a formação e com as informações que as crianças recebem, mesmo não tendo filhos. Dedicava boa parte de seu tempo organizando oficinas, contação de histórias e encontros para as crianças se conhecerem e valorizarem sua aparência. Ela realiza eventos não só para meninas negras, mas também conversa com as meninas brancas, meninos brancos e meninos negros. Muitas vezes ela é convidada por professoras, pedagogas ou líderes comunitárias para falar com as crianças.

No ano de 2014, B me convidou para ir a uma dessas atividades em que ela estava envolvida como voluntária de uma ONG, no bairro Belém Velho, em uma escola pública da região. Era uma manhã de sábado e as crianças da escola estavam organizando um brechó e desfile com as roupas que estavam à venda naquele dia. B e eu ficamos responsáveis por preparar as crianças que desejavam desfilar e entre elas havia uma menina negra, de aproximadamente dez anos de idade. Ela entrou no camarim com um capuz na cabeça, falando muito baixo e sem olhar para os nossos rostos. Ao ver aquela situação, B se dedicou quase que exclusivamente àquela menina, dando-lhe muita atenção e carinho. Após toda intervenção de B, a menina se maquiou, soltou os cabelos e queria tirar fotos com todo mundo. Depois do evento, B e eu voltamos juntas para casa e ela me disse que fez questão de conversar com aquela menina porque ela se viu muitas vezes nessa situação durante a infância. Na conversa que tivemos para este estudo, B assim se expressou:

Na infância, acho que não dá pra dizer que existia uma relação, nem existia na verdade... eu usava Henê desde os onze anos e na realidade a gente não aprende a cuidar do cabelo, né? A mensagem é sempre que a gente tem que dar um jeito, né? Não é um cuidado, por que tratamento químico não é cuidado ele é uma transformação do fio e os cuidados vêm depois com as hidratações e tudo mais que tu já está acostumada. Então tu acaba não tendo uma relação com o cabelo, ele é uma coisa que tu tem que dar um jeito nele, não pode ficar desse jeito, como diz a minha tia: "Tu não vai dar um jeito nesse cabelo?" Frase bem comum que boa parte de nós, mulheres negras, ouvimos na vida. Eu lembro que eu nunca gostei de cabelo liso e o engraçado é que a gente nunca pensa na possibilidade de usar o cabelo natural, a gente sempre fica pensando numa solução pra dar um jeito no cabelo, então a relação que a gente tem, não é uma

relação saudável com o cabelo mesmo, nunca teve. Então, a gente sai das tranças de criança e cai direto no produto químico, eu ainda dei sorte que foi aos onze anos, porque hoje em dia parece que até com três anos estão colocando química no cabelo das crianças.

As tranças são citadas por A e B como algo que as acompanhou durante a infância. No primeiro caso, as tranças causavam muito incômodo e constrangimento diante dos colegas. Há uma insistência das famílias nesse tipo de penteado, Nilma Lino Gomes explica o porquê:

O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras fazem-no simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. (GOMES, 2002, p.44)

Nessa conversa, B revelou uma preocupação com a química precoce no cabelo das crianças negras, o que para ela é um problema sério, pois suas ações objetivam a valorização da autoimagem que elas constroem de si mesmas. O modo como a família de B via o cabelo crespo colabora para que seja construída uma imagem ruim da estética negra. “Dar um jeito nesse cabelo” indica que ele precisa ser melhorado, arrumado ou até mesmo consertado. O conserto veio e a adolescência foi uma fase cheia de intervenções:

Na adolescência, comecei a me relacionar com meu cabelo, se é que dá pra dizer assim. Fase de muitas alterações: usei *Mega Hair*, Henê, que foi minha primeira química, fiz amaciamento, relaxamento, fui no Marujo, usei pente quente e na verdade a gente usa o pente quente pra deixar o cabelo mais liso, mas também se soava um pouquinho (risos). Acho que devo ter o pente guardado até hoje, minha?????? eu usava também. Usar o pente-quente é tipo avançar de fase...porque ele alisa mesmo, mas também eu vivia com a testa, orelhas e dedos queimados.

É na adolescência que as intervenções capilares para modificar a textura dos cabelos iniciam. B fala de que o Henê (Figura 18 e 19) foi sua primeira química. Esse produto consiste em uma pasta de cor preta cujo efeito é escurecer e alisar os cabelos.

Figura 18 – Henê Pelúcia



Figura 18 - Fonte: (<https://cabelobelezaesauade.blogspot.com.br/2012/11/hene-em-gel-pelucia-tratamento-para-os.html>).

Figura 19 – Henê Fora da Embalagem



Figura 19 - Fonte: (<http://www.divinabelezamulher.com/2015/07/hene-divina-dama-gel-bisnaga.html>).

O Henê, além do cheiro forte, traz em sua composição química uma série de componentes que podem causar prejuízos sérios à saúde. Há relatos na internet de marcas do produto que contêm chumbo na sua mistura.

O amaciamento e o relaxamento (Figura 20) são bastante similares, ambos contêm amônia e na linguagem dos cabeleireiros, prometem “soltar” o cabelo. Refiro-me à linguagem dos cabeleireiros por experiências pessoais; a palavra “soltar” indica que o cabelo está amarrado e preso, e a partir da intervenção que será feita nele, ficará livre, solto.

Figura 20 – Cabelo Antes e Depois do Relaxamento.



Figura 20 - Fonte: (<https://www.Facebook.com/institutobelamulata/>).

O Marujo (Figura 21), citado por B, é um salão de beleza muito famoso em Porto Alegre. Teve seu ápice nos anos 1980 e resiste até hoje. O local é famoso por realizar alisamentos capilares com um tipo de pasta fria, composta por uma espécie de soda. Ao participar do primeiro encontro das “Gurias Crespas e Cacheadas” ouvi relatos de mulheres que perderam o cabelo por conta dos alisamentos feitos por esse salão, à época.

Figura 21 – Fachada do Salão de Beleza Marujo



Figura 21 - Fonte: (Arquivo pessoal).

O pente-quente (Figura 22) é um produto que já passou por boa parte das cabeças das mulheres do grupo, e isso pode ter ocorrido por dois motivos: o primeiro é que há certa facilidade para adquirir e manusear esses produtos. Minhas interlocutoras mostraram que aprenderam a usá-los com as tias, a mãe e até mesmo com as avós, o que pode indicar a maneira negativa com que o cabelo vem sendo tratado por algumas gerações de mulheres da mesma família. O segundo é que esses produtos são os mais viáveis economicamente para o período da adolescência, época em que nenhuma das participantes do encontro tinham emprego e renda fixos.

Figura 22 – Chapinha quente, Pente quente, Tesoura quente e Tesoura quente.
(Esquerda para Direita)



Figura 22 - Fonte: (<http://negrarosarosaneira.blogspot.com.br/2011/01/cabelos.html>).

A imagem do pente-quente e seus similares é muito presente na memória de B. Ela não só se lembra do modo com que usava o pente, mas também se recorda dos acidentes causados durante o seu uso, o qual devia ser aquecido na boca do fogão até atingir determinada cor. O metal não poderia ficar num tom avermelhado ou alaranjado, pois isso significava que a temperatura do pente estava alta demais. O tom ideal era o marrom; quando o metal atingisse essa cor estava pronto para ser passado nos cabelos. Acertar a cor do produto na hora de usar não era tarefa fácil, e por isso os acidentes com seu uso eram tão frequentes.

E por último o *Mega Hair* (Figura 23), que pode ser considerado, nesse contexto, a técnica menos agressiva de intervenção, pois ele consiste em uma técnica de alongamento capilar. São entrelaçados junto à raiz do cabelo outra mecha de cabelo maior que dará a impressão de um cabelo comprido. O uso do *Mega Hair* não exige químicas, apenas tempo, pois a aplicação das mechas é demorada e pode levar até oito horas, dependendo do volume do cabelo e também exige dinheiro, pois comprar cabelo de qualidade é bastante caro.

Figura 23 – Antes e Depois do Mega Hair



Figura 23 - Fonte: (<http://www.muitochique.com/cabelo/mega-hair-estraga-cabelo-2.html>).

A saída da infância representa um novo padrão de consumo e questões ligadas à aparência surgem nas falas das interlocutoras de maneira muito evidente. Se, na infância, havia um relacionamento distante com os cabelos, a adolescência é a fase em que a preocupação com a aparência é constante. Assim, tanto nos relatos de A quanto nos de B, o período pós-infância é marcado por uma vontade de apresentar-se esteticamente de maneira diferente. Porém, nos dois casos, essa mudança não parece ter proporcionado a confiança e a beleza que elas procuravam. Ao contrário, os relatos mostram uma série de inquietações que estavam relacionadas ao corpo, especialmente ao cabelo.

Cronologicamente, B relata como decidiu deixar as químicas e artificialidades para trás.

Depois, já madura, entrando na Faculdade, largando o emprego, usava *Mega Hair* e eu não sabia como eu ia sustentar aquele cabelo largando o emprego. Decidi usar o cabelo natural, mas por uma questão financeira, o mais engraçado é que eu não estava preocupada em usar o cabelo natural, em ficar feio digamos assim, ou ficar com o cabelo Joãozinho. Eu queria achar uma solução e disse: azar, depois eu vejo o que eu faço. E foi assim que eu decidi usar o cabelo natural, na época não estava essa febre que está hoje,

era 2011, 2012. Eu lembro de perguntar pra mãe como era o meu cabelo, porque como eu iria cortar, queria ter uma ideia..., mas ela também não lembrava como era o meu cabelo antes das químicas, então eu disse: azar, vamos ver o que acontece. Daí fiz tranças rasteiras; depois hidratei e cortei, curtinho. Daí parece que foi liberdade! E a gente não nota, mas o cabelo nos prende, tu te sente presa naquela situação e eu percebi como eu estava me sentindo livre pra fazer o que eu queria fazer, pra pensar outras coisas e não me preocupar com o cabelo, o cabelo deixou de ser uma preocupação e passou a ser um prazer pra mim! Porque a gente adora comprar creme, adora cuidar, adora tocar...e isso é outra coisa, a gente não toca o cabelo com química, e a gente não percebe que não tem relação com o cabelo com química. Na verdade, a gente evita, a gente arruma bem direitinho pra sair de casa pra não mexer nele mais. Na balada é outra coisa que percebi, antes tu ia no banheiro pra ver se o cabelo estava direito, pra ver se estava baixo. Hoje tu vai pra fazer o xixi, arrumar a maquiagem e tu até olha no espelho pra ver e pra dar uma levantada no *black*, pra ver se ele não está murquinho. Então, mudou muito a minha relação com o meu cabelo, hoje é de prazer e eu percebo que as pessoas que tem filhos, passaram a se aproximar do filhos, porque o momento de cuidar do cabelo é o momento que elas conversam, momento de troca de experiências e no grupo do gurias crespas e cacheadas tem um exemplo de uma mãe e de uma filha que eu não vou falar o nome, mas eu percebi que elas tinham uma relação muito conturbada e depois que as duas começaram a cuidar do cabelo, a relação das duas mudou, elas eram próximas, mas tinham divergências de personalidade... elas tinham alguns embates e agora parece que mudou. Acho que tu pode perguntar no grupo, quem depois que passou a cuidar do cabelo modificou a relação com os filhos... talvez até a pessoa se manifeste.

O retorno de B à textura original do cabelo é motivado por algo que eu mesma não esperava ouvir. A fase pós-química é também marcada pelo abandono do emprego e o início da vida universitária. O relato revela a liberdade que B passou a ter ao decidir usar o seu cabelo de maneira “natural”, pois antes sentia-se “presa” a determinada situação; B diz que o cabelo era sua prisão. Pode-se compreender que o ingresso na universidade foi determinante para sua decisão de voltar à textura original dos cabelos.

Ao final de sua fala, B comenta uma situação de mãe e filha que passaram a se relacionar de maneira mais harmônica após começarem a “cuidar” dos cabelos. De acordo com B, as relações familiares podem melhorar a partir do momento em que os cabelos passam a ser dignos de atenção e cuidado, deixando de ser aquele simples “dá um jeito”. Percebe-se que o cabelo é uma parte importante na vida das pessoas, especialmente na vida das mulheres (GOMES, 2002), assim, as mulheres negras encontram diversas maneiras de “dar um jeito” nos cabelos. Essa expressão

parece indicar que o cabelo precisa de uma melhora, como se a textura original dele fosse ruim. Mais do que isso, na família de B, ajeitar é sinônimo de alisar.

5 RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS!

A frase que dá título a esse quinto capítulo é também título de uma música do cantor paraibano Chico César, cuja letra considero bastante importante neste estudo, especialmente para este capítulo:

Respeitem meus cabelos, brancos!
 Chegou a hora de falar
 Vamos ser francos
 Pois quando um preto fala
 O branco cala ou deixa a sala
 Com veludo nos tamancos
 Cabelo veio da África
 Junto com meus santos
 Benguelas, zulus, gêges
 Rebolos, bundos, bantos
 Batuques, toques, mandingas
 Danças, tranças, cantos
 Respeitem meus cabelos, brancos
 Se eu quero pixaim, deixa
 Se eu quero enrolar, deixa
 Se eu quero colorir, deixa
 Se eu quero assanhar, deixa
 Deixa, deixa a madeixa balançar

(Chico César – Retirado de:
<https://www.letras.mus.br/chico-cesar/134011/>)

Em pelo menos três ocasiões durante o trabalho de campo pude ouvir essa canção, duas delas no espaço Africanamente, e outra na da Mostra de Cultura Negra e Festa Vovô Cipriano de Angola. Nessas três ocasiões, o tema do encontro versava sobre estética negra, e ao ler a letra e ouvir a canção pude perceber que a música faz um apelo à liberdade e ao respeito. Além de fazer uma referência à África, citando “Benguelas, zulus, gêges”, a letra de Chico César também traz alguém que decidiu usar o cabelo da maneira como achava melhor, sem se importar com opiniões ou padrões.

Em “Respeitem meus cabelos, brancos!”, pode-se pensar em duas leituras possíveis: a primeira, pensar que “brancos” são os cabelos, já modificados pela ação do tempo, ou seja, cabelos de uma pessoa mais velha e que finalmente decidiu impor-se pedindo respeito a sua estética. A segunda leitura indica que “brancos” são, na verdade, sujeitos brancos. Dessa maneira, quem canta pede que as pessoas brancas respeitem a estética negra seja ela qual for.

Neste quinto capítulo insiro o relato de minha terceira interlocutora, mostrando como ela se percebeu e se reconheceu enquanto mulher negra a partir de novas percepções sobre o próprio corpo e o cabelo. Proponho-me, neste capítulo, pensar sobre a reelaboração da estética e da corporalidade negra através de dois eixos: o primeiro que objetiva reconhecer o consumo e a produção discursiva midiática do consumidor negro no Brasil enquanto premissas fundamentais na busca da valorização da estética negra. E o segundo é o de discutir a compreensão que é feita do continente africano, na condição de algo unificado e “ancestrálico”.

5.1 A REVISTA RAÇA E A PRODUÇÃO DO CONSUMIDOR NEGRO NO BRASIL - BENS DE CONSUMO E MÍDIA

Nos últimos anos se verificou que o poder público tem se ocupado e dedicado tempo e investimento financeiro para a construção de políticas públicas voltadas à população negra e indígena da sociedade brasileira. A política de cotas raciais, por exemplo, tem se mostrado importante para a promoção de mudanças voltadas à população negra no cenário brasileiro, e que cada vez mais é notável a presença de estudantes negros e pardos nas universidades federais. Nesse processo, observa-se que também há mais professores, pesquisadores, médicos e advogados negros (SILVA, 2013), profissões e ocupações anteriormente quase que exclusivamente ocupadas por pessoas brancas. Também o Programa Universidade para Todos (PROUNI) tem beneficiado os estudantes de baixa renda, oferecendo-lhes bolsas de estudos em Faculdades privadas.

Observa-se ainda outro tipo de política que incide diretamente no currículo das escolas, com a pretensão de revisar a forma com que a história dos negros brasileiros é ensinada, fugindo da narrativa dramática do preconceito e da escravidão. Isso se refere principalmente à Lei 10.639/03, que assegura o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e particulares.

Em relação ao recorte étnico é necessário compreender que o capitalismo consiste em um sistema baseado em relações de poder, trabalho e exploração. Nesse sistema, só é possível consumir se houver dinheiro, e para que se consiga dinheiro é necessário que haja trabalho remunerado. Porém, por mais de dois

séculos, o Brasil viveu um sistema escravocrata, em que a mão de obra negra escrava serviu de base para o desenvolvimento econômico do país. Com a industrialização e a abolição da escravatura, que ocorreu sem nenhuma garantia política de assistência, pois os trabalhadores escravos permaneceram durante muito tempo longe das redes de trabalho remunerado e de consumo de bens. Porém o capitalismo tem se mostrado dinâmico e até flexível. Conforme mencionei, as políticas públicas têm caráter “reparatório/ compensatório” e, nesse sentido, vêm tentando inserir no mercado de trabalho e nas práticas econômicas e simbólicas do consumo, segmentos da população que antes estiveram à margem. Dessa forma, não é possível pensar sobre as cotas, por exemplo, apenas como uma “boa vontade” do governo brasileiro, à medida que elas também visam (mesmo que em segundo plano) a produção de mão de obra qualificada e a produção de consumidores. Em outras palavras, quanto mais pessoas se inserirem no mercado de trabalho, mais expectativas surgirão relativas ao consumo em todas as escalas – bens e serviços.

Considero importante lembrar que, como apontou o recenseamento realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010, a classe situada entre as classes “A”, “B”, “D” e “E”, ou seja, a “C” (que possui renda média entre R\$1.734 a R\$7.475,00) está numericamente maior e seu nível de consumo tem estado cada vez mais em evidência. No mesmo censo também há indicações de que a população negra cresceu, e grande parte dela está situada nesse meio, na nova classe média.

A socióloga Ângela Figueiredo, durante boa parte dos seus estudos, discutiu a classe média negra da cidade de Salvador (BA), mas é no texto intitulado *Cabelo, Cabeleira, Cabeluda e Descabelada: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros*, de 2002, que a autora insere questões relativas ao mercado e ao consumo. Os dados desse texto apontam o crescimento de um mercado específico para determinado segmento da população brasileira: a população negra. A socióloga cita a revista *Raça Brasil* como um marco importante no “surgimento” do consumidor negro de classe média, no Brasil.

Em entrevista cedida aos *Cadernos Pagu*, Roberto Melo, um dos idealizadores e construtores da revista *Raça Brasil*, comenta as dificuldades que encontrou à época da primeira publicação:

A decisão de fazer Raça Brasil contrariou, e eu já vou roubar antecipadamente uma frase do Aroldo Macedo, e derrubou três dogmas que existiam no mundo das comunicações: o primeiro dogma era que negro não têm poder aquisitivo para comprar produtos supérfluos e revistas podem ser considerada produtos supérfluos porque revista não se come, não leva vocês ao trabalho. O segundo dogma era que negros em capa de revista não vendem revista. O terceiro dogma era que os negros têm vergonha de ser negros. Os negros no Brasil, ao contrário dos americanos, onde houve uma luta muito clara no combate pela igualdade, para a mudança pela lei, os negros brasileiros têm vergonha de ser negros. Então a Revista nasceu fadada ao fracasso, segundo o mundo das comunicações [...]. Então toda a mídia brasileira, durante todo este tempo, desde que a tal da mídia brasileira existe, sempre nos ensinou que os negros são pobres e que o Brasil está dividido entre brancos ricos, negros pobres e por isto os negros nunca apareceram em comerciais, nunca apareceram nas novelas, com raríssima exceção da novela A próxima vítima, que tinha uma família negra. (MELO, 1996, p.242-245)

Mesmo após muitas resistências, no ano de 1996 a Editora Escala, em conjunto com os idealizadores da revista, chamou a atenção para um novo segmento de leitores, e assim fez surgir a revista Raça Brasil no mês de setembro daquele ano. A revista revolucionou o mercado editorial, pois, pela primeira vez, uma publicação brasileira trazia um conteúdo específico e direcionado à população negra. A mistura de moda, beleza, consumo e entretenimento trouxeram ao leitor negro representações e valores positivos relacionados à construção da identidade e corporalidade negra.

A primeira edição trazia estampada na capa a frase “Essa é pra mim!” (Figura 24), o que indicava alguns possíveis objetivos da revista: em primeiro lugar, o de criar um público fiel e específico de consumidores da revista, pois desde a primeira edição foram abordadas questões bastante direcionadas aos negros — acertar o tom da maquiagem para pele negra ou casamentos interétnicos, por exemplo, assunto que, à época, ainda não era comum nas revistas brasileiras de grande circulação do país. Hoje em dia, 20 anos após a primeira publicação, mesmo com as mudanças de editora durante todos esses anos, a revista Raça Brasil²⁰ permanece com alto índice de aprovação por parte dos leitores negros.

²⁰ Desde o mês de abril de 2016 a revista Raça Brasil passou a se chamar revista Afro.

Figura 24 – 1º Edição da Revista Raça Brasil.



Figura 24 - Fonte: (<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/102/artigo28397-1.asp>).

Há duas maneiras de obter a revista: a primeira é adquiri-la em bancas de revistas e jornais; cada publicação custa pouco mais de nove reais e apesar do entendimento da editora sobre o poder aquisitivo da população negra, os lugares de circulação da revista ainda permanecem restritos. Na cidade de Porto Alegre, por exemplo, a revista pode ser encontrada, após uma boa busca, em algumas bancas no centro da cidade, mas as livrarias e bancas dos shoppings e do aeroporto da capital não comercializam a revista, o que pode indicar os lugares de circulação da população negra na cidade. A outra maneira de adquirir a revista Raça Brasil é por meio de assinatura bianual, no valor de R\$116,00, que dá direito a doze exemplares, pois a cada dois meses é lançada uma nova edição. Essa outra maneira de aquisição do produto é mais acessível porque nem sempre é possível encontrar a revista com facilidade.

Mesmo que a revista *Raça Brasil* não tenha um custo muito elevado, seu preço destoa de outras publicações igualmente conhecidas, entre as quais as revistas “Ana Maria” e “Tititi”, por exemplo, que podem ser adquiridas pela metade do preço. Em suma, o valor atribuído à revista indica, mesmo que em segundo plano, quem pode comprar e consumir o seu conteúdo.

Atenta às modificações das mídias, além da versão tradicional impressa, a revista também possui páginas em sites de relacionamento, um blog oficial e até uma versão mais curta da revista *on-line*. Em todos esses canais virtuais da internet é possível acessar as principais matérias de cada edição impressa e também fazer comentários sobre o seu conteúdo.

Em segundo lugar, as capas da *Raça Brasil* estampavam personalidades negras brasileiras (poucas vezes eram personalidades internacionais). Sendo assim, além de trazer a vida dessas pessoas para o interior da revista, as capas também puderam discutir uma mudança discursiva em relação à questão racial ao longo dos anos (MAGALHÃES; PINHEIRO, 2006).

Na primeira edição (Figura 24) a capa ilustrava um casal de modelos negros: a modelo foi a atriz Isabel Filardis, que, à época, estrelava uma novela em horário nobre da emissora Rede Globo. Um ano antes de fazer parte da capa da revista a atriz havia participado da novela *A próxima vítima*, em que, pela primeira vez, na televisão brasileira, aparecia uma família negra representada como sendo de classe média no país (LIMA, 1996-97, p. 60).

A Revista *Raça Brasil*, durante todo esse tempo de publicação, tem demonstrado cuidado ao trazer em suas capas não apenas atores, mas também cantores, artistas plásticos, escritores, modelos, diretores, poetas e atletas negros com histórias de superação e sucesso.

O cuidado na escolha das capas da revista tem sido tarefa constante para os editores da revista *Raça Brasil*. Assim, algumas famílias negras de sucesso são escolhidas com o propósito de servirem de inspiração aos leitores da revista, como é o caso da publicação que corresponde aos meses de dezembro/2015 e janeiro/2016 (Figura 25), em que o casal de atores negros Lázaro Ramos e Taís Araújo estampam a capa. Nessa edição, o casal conta as histórias individuais de suas carreiras, comenta sobre a educação dos filhos e seus ensinamentos sobre o racismo. Nota-se também o quanto a revista tem se preocupado com a formação e a

educação de famílias negras e afrodescendentes (assunto recorrente nas últimas edições).

Figura 25 – Edição 197 da Revista Raça Brasil



Figura 25 - Fonte:

(<http://redebomdia.com.br/noticia/detalhe/88074/revista-raa-celebra-o-dia-da-consciencia-negra>).

Por último, as páginas da revista trazem leituras que sugerem um tipo médio de leitor; indicando que o leitor, provavelmente, é de classe média, pois os hábitos de consumo ilustrados na revista não dialogam com elementos populares. Como qualquer outra revista, a Raça Brasil está dividida em seções específicas e com assuntos variados. As sugestões vão desde produtos para beleza, passando por bares e restaurantes e até algumas sugestões de viagens que costumam ter preços elevados.

O Rio de Janeiro é uma das capitais que mais aparecem na revista, cidade onde bares e restaurantes da Lapa e da Barra surgem como lugares possíveis para

diversão e descontração. Também houve edições em que a favela da Rocinha apareceu na revista como um ponto turístico possível. Alguns museus, bibliotecas e peças de teatro do Brasil e do mundo aparecem na revista como sugestões de programas de final de semana. De maneira semelhante, as viagens nacionais e internacionais sugerem roteiros de férias longas e descansos mais curtos. Também compõem as páginas da revista sugestões de livros, filmes, séries e outras revistas de segmento adulto e infantil, indicando ao leitor possibilidades de atrativos, distrações e conhecimento.

Os produtos anunciados na revista também constituem possibilidades interessantes para pensar a afirmação discursiva sobre a beleza negra no Brasil, nos últimos anos. O mercado da beleza e da moda também faz parte da revista, não apenas nos anúncios publicitários, mas também na seção “Gente”, em que aparecem as principais festas frequentadas pela classe média negra de algumas regiões do país. É nessa parte da revista que se vê também a presença de empresários negros muito bem-sucedidos. Poder, sucesso e autoestima das personalidades negras citadas na revista parecem estabelecer uma relação direta com a questão financeira, ou seja, todos esses substantivos estão ligados à questão do dinheiro, do bem-estar e segurança financeira.

Em relação ao dinheiro — algo capaz de conferir status — torna-se interessante pensar na proposta do sociólogo Georg Simmel. Simmel (1998) faz críticas ao desenvolvimento científico do século XIX, especialmente pela separação entre as categorias de sujeito e objeto. Sabe-se que a ciência da época esteve baseada na dominação da natureza, e para isso a separação de categorias foi um processo fundamental. Pode-se dizer que Simmel consegue realizar uma leitura bastante crítica sobre a modernidade, sendo um dos primeiros autores a fazê-la. No texto intitulado O dinheiro na cultura moderna, o autor lança ideias que fizeram parte do imaginário de modernidade, assim, a questão da individualidade se manifesta como um valor na era moderna. Na modernidade, a distância entre sujeito e objeto é mediada e o dinheiro surge como mediador das relações sociais. Mesmo assim, o dinheiro possui certa ambiguidade, pois, se, de um lado, modifica as relações sociais, distanciando algumas modalidades de interação, ele também é capaz de criar novos laços que são constituídos a partir de valor e significado.

A produção discursiva da revista Raça Brasil opera em favor de um modelo de negritude plural, apresentando diversas possibilidades de ser negro no Brasil. Os

marcadores econômicos são destacados nas páginas da revista, e por mais que haja diferentes maneiras de ser negro, essas maneiras de viver a negritude são sempre da classe média.

O sucesso de vinte anos da revista talvez se explique pelo modo com que vem tratando o seu leitor. Nas primeiras edições havia um espaço destinado a cartas do público. Hoje, o leitor aparece na revista através dos e-mails, das fotos e dos recados que ele envia. A revista *Raça Brasil* dedica um espaço sempre muito importante para a opinião do leitor.

Ter uma revista como essa no Brasil representa um passo muito importante para a população negra, pois além de discutir questões sobre moda, comportamento e atualidades também serve de instrumento político de luta para esse segmento da população brasileira. Pensar sobre as práticas e os produtos de consumo desse segmento da população significa também refletir sobre as relações raciais no Brasil.

Assim, além da mídia impressa, como é o caso da revista *Raça Brasil*, as mudanças atingiram as produções visuais que também passaram por processos de modificação: novelas, filmes e seriados apresentaram ao público a população negra de outra maneira. À época em que acompanhei o grupo houve três produções televisivas que se destacaram: a novela angolana *Windeck*, e as séries estadunidenses *How to Get Away with Murder* e *Empire*.

A produção *Windeck* foi transmitida no Brasil pela televisão aberta, entre 2014 e 2015 (a transmissão original foi entre 2012 e 2013), no canal TVE; às vinte horas e trinta minutos de segunda a sexta-feira, e nos sábados, às 21 horas. A trama se passava na capital da Angola (Luanda) e a centralidade da novela estava nos bastidores da revista de moda chamada *Divo*, comandada por um pai e seu casal de filhos. Com uma mistura de luxo, ambição e muitas disputas, *Windeck* abordou a homossexualidade, o preconceito de gênero e o racismo na África contemporânea. Com um elenco praticamente todo negro (havia apenas dois personagens brancos), a novela fez muito sucesso no grupo “Gurias Crespas e Cacheadas”, e os capítulos eram comentados quase diariamente no Facebook, sendo os cabelos, as roupas e as danças apresentadas nas cenas de *Windeck* muito elogiadas. A novela foi muito

bem recebida pelo público brasileiro e internacional, fato que a levou a ser indicada ao Emmy²¹ 2013, na categoria melhor novela²².

O mundo das leis, da justiça e do direito são apresentados na série *How to Get Away with Murder*, em que a protagonista Aneelise Keating (Viola Davis) é professora de Direito e também advogada conceituada em Nova Iorque. A história é cheia de mistérios, cenas de violência, sexo e atuações dramáticas que renderam à protagonista o Emmy de melhor atriz principal, sendo Viola Davis a primeira mulher negra a receber essa premiação²³. No grupo do Facebook a série recebeu alguns comentários e era bastante discutida entre as estudantes do curso de Direito.

Por último, a série *Empire* mostra o universo da música, no qual é apresentada uma família negra que tem os pais produtores musicais, dois filhos músicos e um filho advogado e empresário. O enredo trata de uma disputa em torno da gravadora que o pai, gravemente doente, deixará como herança para apenas um dos filhos. Mas além da trama, as músicas e as danças eram a grande atração para o grupo das “Gurias Crespas e Cacheadas”, sendo a estreia da quarta temporada muito aguardada por algumas integrantes.

Diferentemente da novela *Windeck*, os seriados *How to Get Away with Murder* e *Empire* eram transmitidos em canais fechados, em suas respectivas emissoras de TV, depois das 23 horas. Mesmo assim, em nenhum dos casos essas questões parecem ter dificultado que as telespectadoras do grupo assistissem à série.

As três produções apresentam temas e narrativas distintas entre si, mas aparentemente a audiência das séries no “Gurias Crespas e Cacheadas” deveu-se a três fatores: em primeiro lugar, o fato de haver protagonistas, antagonistas e um elenco majoritariamente negro. Esse fato parece atender à queixa sobre representatividade negra positiva, questão muito debatida e problematizada no grupo tanto nas redes sociais quanto nos encontros presenciais.

Em segundo lugar, mesmo que essas produções não discutam a questão racial diretamente, as personagens principais de cada uma delas ocupam cargos e posições que são valorizadas e respeitadas socialmente, sendo Aneelise Keating, de

²¹ Emmy consiste em uma premiação anual em que a Academia de Artes e Ciências Televisivas dos EUA elege as séries, novelas, minisséries e filmes que mais se destacaram dentro de algumas categorias. Retirado de: <https://omelete.uol.com.br/emmy/>

²² Retirado de <http://tvbrasil.etc.com.br/novelawindeck>

²³ Retirado de: http://www.huffpostbrasil.com/2017/02/27/viola-davis-e-a-1-mulher-negra-a-ganhar-oscar-emmy-e-tony-de-a_a_21722384/

How to Get Away with Murder, muito requisitada por seu excelente trabalho como advogada, por exemplo. Em suma, os protagonistas dessas séries são reconhecidos e são referências pelo trabalho que fazem.

Por último, essas três produções misturam sucesso, poder e dinheiro, mostrando personagens negros de classe média alta e até ricos, como a família de artistas da série *Empire*. Nos três casos há um empoderamento das personagens, que ocorre a partir do seu status, seja no campo editorial da Moda, do Direito ou da Música, os protagonistas são muito bem-sucedidos e ostentam o que possuem.

O modo como a revista *Raça Brasil* e as produções televisivas dialogam com o consumidor negro é diferenciado e permite a ele possibilidades de afirmação étnica e corporal positivas. Tornou-se interessante, durante esta pesquisa, perceber que o empoderamento do grupo pesquisado passava não somente pela questão estética, mas também pelo mundo do consumo, como explanei no segundo capítulo com a apresentação dos produtos capilares.

A mídia, nesse caso composta pela revista e pelos programas de televisão, tem sido um elemento importante nesse processo de valorização estética. E por inferir o poder das questões que envolvem ascensão econômica, também se tornaram produtos consumidos que são incorporados nos discursos de valorização da estética negra.

5.2 A ÁFRICA COMO REFERENCIAL - "DE QUE ÁFRICA ESTÁS A FALAR?"

Em uma de minhas incursões em campo realizei um curso de Lideranças Negras Femininas, em 2014, curso de extensão promovido por um grupo de estudantes negros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No primeiro dia, a abertura do curso foi feita por algumas estudantes negras, alunas da referida universidade, as quais falaram sobre a importância do curso e que era necessário pensar a mulher negra a partir da sua força e suas origens, portanto, conhecer e reconhecer a estética negra era fundamental.

Pensar a estética negra era valorizá-la e para que isso pudesse acontecer seria necessário que negros e negras se inspirassem e se referenciassem no

continente africano, buscando uma identidade e uma estética afro. Após as falas da abertura, o microfone ficou aberto para que a plateia pudesse participar. Houve uma rodada de cinco questões para a mesa e uma dessas questões partiu de um estudante africano de Moçambique, que assim se manifestou:

Vejo vocês falando em África, mas essa África parece imagética, não sei se existe. Vocês falam como se o continente fosse todo da mesma maneira, como se não houvessem tribos e línguas diferentes. Gostaria muito de saber, de que África estás a falar?

A questão trazida por esse estudante deixou os integrantes da mesa pensativos e também me deixou apreensiva, afinal, o que o grupo diz quando fala em “afro” ou diz que busca inspirações na África? A provocação do estudante de Moçambique era no sentido de pensar sobre a África hoje, reconhecendo suas particularidades e especificidades locais.

Na obra História da África, do historiador Rivair José Macedo (2015), é possível pensar o continente desde sua formação; compreendendo a sua contemporaneidade. O capítulo intitulado Os povos da Núbia e do Índico mostra diferentes povos que se adaptam a condições geográficas e climáticas distintas do continente africano, e devido aos seus diferentes modos de se organizar no tempo e no espaço criaram modelos de sociedade que não são os mesmos:

No Brasil, costuma-se falar da África como se se tratasse de um espaço homogêneo e compacto, mas isso é um grande engano. A parte do continente em referência, em geral é a ocidental, banhada pelo oceano Atlântico. Mas ao Norte, seus territórios litorâneos banhados pelo mar Mediterrâneo ofereceram possibilidades de contato diferentes aos povos que habitaram o Magreb e o Egito. E em sua porção oriental, a proximidade do mar Vermelho e do oceano Índico ofereceu condições próprias de vida aos grupos humanos que ali se instalaram. (MACEDO, 2015, p.23)

As particularidades na formação histórica do continente africano resultaram em diferenças culturais que precisam ser levadas em consideração. No grupo pesquisado, era comum escutar falas que citavam a África (negra) enquanto uma unidade religiosa, linguística e cultural.

Talvez por ser o continente mais antigo do planeta (MACEDO, 2015), a África vem sendo entendida por alguns como se fosse o berço da cultura negra, algo ideal e que deve ser referenciado. Nesse sentido, a obra de Macedo mostra as diferentes

faces da África, colocando o colonialismo e a escravidão como fatores que geraram grande impacto econômico e cultural no continente.

A palavra “afro” vem sendo usada pelo mercado da beleza para identificar o produto e dialogar com o consumidor de maneira similar ao uso da palavra étnico, comentada no capítulo três deste estudo. Pode-se dizer que aquilo que tem a palavra “afro” em seu rótulo ou etiqueta destina-se a valorizar e empoderar o consumidor negro e sua estética, como é o caso de revista Afro (Figura 25), anteriormente nomeada de Raça. Mas na fase adolescente das minhas interlocutoras, que corresponde aos anos 1990/2000, um dos relaxantes capilares mais famosos continha o termo “afro” em seu prefixo (Figura 26).

A palavra “afro” deriva de África e não há dúvidas em relação a isso. Porém é bastante confuso e difícil explicar o seu uso no mercado da beleza. Se, de um lado, existe uma construção coletiva social e imaginária de um continente inteiro negro, de outro, no grupo, ninguém comenta o fato de o alisante mais famoso ter também a palavra “afro” em seu rótulo.

Figura 26 – Revista Afro



Figura 26 - Fonte: (<https://www.edminuano.com.br/afro-brasil-7512>).

Figura 27 – Relaxamento Afrohair



Figura 27 - Fonte: (<http://www.lojasrede.com.br/produto/creme-relaxante-permanente-afro-hair-500g-124141>).

A construção de um continente africano homogêneo e negro facilita a identificação étnica e a busca por modelos. E mesmo que a novela *Windeck* tenha mostrado a cidade de Luanda bastante diferente daquela imaginada, com alguns personagens da novela miscigenados, relacionamentos interétnicos, roupas que não eram todas feitas de capulana²⁴, e os cabelos das personagens apresentando uma variedade de tratamentos químicos, há uma projeção imaginada e idealizada sobre esse continente.

5.3 MEU TURBANTE, MINHA COROA - A IDADE ADULTA

²⁴ A capulana é um tecido de algodão, com cores vivas, tradicionalmente representando a roupa africana. As capulanas constituem um elemento de representação de cultura local moçambicana, transmitindo vários significados de hábitos e costumes das populações através das suas cores, usos e estampas. Retirado de: <http://www.preta.me/2016/03/23/capulanas-uma-vibrante-tradicao-cultural-mocambicana/>

Minha terceira interlocutora, C, conforme se mencionou na introdução, ingressou há menos tempo no grupo. Mesmo assim, em poucos meses já havia ocupado lugares e falas de destaque. Ela é graduanda e profissional na área da saúde e talvez por esse motivo nossa primeira conversa, em um dos encontros, tenha sido sobre o tema da saúde da população negra, em especial a saúde das mulheres.

Marcar um horário para conversar com ela não foi tarefa fácil, pois ela não reside na capital. Mesmo assim, quando entrei em contato com ela, C mostrou muito interesse em me ajudar na pesquisa, dizendo que compreendia a importância de levar os “nossos assuntos” para o espaço acadêmico, e que seria um prazer colaborar com o trabalho de uma “irmã”.

Diante da abertura que me foi dada, trocamos alguns e-mails e finalmente conseguimos conversar pessoalmente. Elaborei um pequeno questionário, apenas para guiar a conversa, de maneira semelhante às rodas de apresentação nos encontros do “Gurias Crespas e Cacheadas”, a partir do qual ela relatou as passagens de infância, adolescência e idade adulta. Pergunto-lhe como era a relação com os cabelos durante a infância e ela me conta:

Não havia produtos específicos para os cuidados, lembro que estes eram feitos pela minha mãe e algumas poucas vezes por minha avó materna. Normalmente minha mãe me trançava para que estas “durassem” a semana toda, era aquela trança do tipo “japonega”. Raras vezes ela deixava meu cabelo solto. Não recorro de nenhum tipo de cuidado ou elogio na creche, por exemplo. Muitas vezes lavava meu cabelo no tanque (nos dias quentes no verão) por ser mais fácil de manusear, sempre tive muito cabelo. Lembro que cheguei a passar ferro quente em algumas ocasiões, nas que tínhamos que sair e o cabelo tinha que estar “ajeitado”. Minha mãe começou a passar química no meu cabelo quando eu tinha em torno de 9 anos. Começou com o Henê (não tenho certeza da escrita), que era passado em casa por ela mesma e era de valor acessível. Mas como meu cabelo era do crespo mais “fechado”, logo ela acabou partindo para algo mais “forte” porque o Henê não dava um resultado duradouro no meu cabelo. Foi quando partimos para o relaxamento. Lembro do quanto aquele produto queimava, mas eu “aguentava” porque quanto mais tempo no cabelo mais “bonito” seria o resultado final. Na adolescência não foi muito diferente. Continuava usando produtos para relaxar, mas na maioria das vezes o utilizava preso por não gostar da forma que o cabelo ficava. Não demorava muito para a raiz aparecer e começar aqueles dois “tipos” de fio. E como é a fase dos grupos, namoradinhos e tal, sempre tinha alguém que fazia alguma piadinha ou debochava. Teve uma fase (entre 14 e 16 anos) que passei a usar boné para dar uma “disfarçada”. Era algo

que me "escondia", mas que por ora me fazia sentir melhor. Era melhor do que as pessoas rindo. Óbvio que na época eu não percebia o quanto meu cabelo me incomodava. Até os meus 28 anos tinha uma relação conflituosa com meu cabelo. Pois para além da questão de aceitar meu cabelo como ele realmente é, isso nunca foi "trabalhado" na minha casa, não se tinha referências de mulheres que usassem seus cabelos naturais. Minha mãe usou cabelo natural na década de 80, antes do meu nascimento, mas depois, das lembranças que tenho dela, são sempre usando entrelaçamento de cabelos mais compridos e/ou fazendo algum tipo de química. Nunca usou liso, sempre cabelos crespos, mas que não eram os seus naturais... era aquele crespo solto, sonho de consumo. Ou então, raspava a cabeça com a máquina e usava bem curtinho.

Desde que me conheci por gente, minha avó materna usava Henê. Parou há alguns anos porque começou a usar aqueles alisantes que se vendem na farmácia e são baratinhos. Minha avó paterna tinha um cabelo "lambido" e branquinho, não tenho muitas recordações porque ela voltou à massa de origem (falecimento) quando eu ainda era criança. Lembro da minha bisavó paterna que também tinha o cabelo liso... ela dizia que era de tanto usar óleo de mocotó. Por hora, eu também não almejava um cabelo liso, mas idealizava aquele cabelo crespo lindo, comprido, balançante, "comportado". Com uns 20 anos comecei a fazer permanente afro porque o relaxamento "baixava" a raiz, mas os fios ficavam esticados, não ficavam um crespo bacana. Os cuidados já melhoraram porque a profissional que fazia a química tinha uma linha de produtos voltada para cabelos crespos, daí eu comprava dela. Mas a verdade é que eu nunca tive um cuidado específico, como uma relação de amor com meus cabelos, então eu só lavava e "hidratava" raras vezes. Ou das vezes que o salão incluía esses cuidados no pós-química.

Pelo relato de C, pode-se perceber que a infância e a adolescência apresentam um relato bastante similar ao das interlocutoras A e B. A percepção sobre a falta de produtos que auxiliassem nos cuidados com os cabelos crespos é citado por ela como um dos problemas durante a infância. A adolescência também é marcada por uma relação bastante difícil com a própria estética. Nessa fase, os cabelos sofreram diversas intervenções com o objetivo de modificar a sua textura original.

Como referido no início deste estudo, o corpo negro é atravessado e compreendido a partir de diversos agenciamentos que irão (ou não) alterar o modo como ele é percebido individual e coletivamente. Para C, a idade adulta é um período de afirmação corporal e estética que parece iniciar no período em que ela percebe o cabelo como parte fundamental de uma luta política:

Em 2012 comecei a querer um outro tipo de cabelo, queria um cabelo "pra cima", um *black*, até meu companheiro (na época) é

quem começou a fomentar e me incentivar nessa ideia. Foi aí que comecei a fazer pesquisas, descobri a transição, descobri que um cabelo bonito exigia cuidados como hidratações, nutrições, etc. que compunham o cronograma capilar, que existem vários fios de cabelo que vão dos cachos aos crespos/afros. Comecei a fazer receitas caseiras (que lá na infância raras vezes minha mãe fazia, mas pensando que aquilo iria "domar" meu cabelo). No final de 2012 decidi não utilizar mais nada de química. Em 2013 fiquei grávida e aí eu realmente não tinha outra opção a não ser parar com a química. Comecei cortando aos poucos e usando tranças rasteiras, me descobrindo e me percebendo. Muitas vezes me sentia mais horrível ainda porque aquele cabelo não se "ajeitava" de forma alguma. Mas foi nesse momento que também passei a despertar para outras questões que iam para além do cabelo. Foi aí que comecei a perceber os olhares de estranheza das pessoas ao me olharem, mas não era aquele mesmo olhar lá da infância, era outro tipo de olhar, como se tivesse algo errado comigo. Comecei a ler algumas coisas e perceber o que tudo isso que passei (desde a infância, mas que ainda passo) representava, comecei a entender os impactos da discriminação (racial), bem como a violência que sujeitamos nosso próprio "corpo" para se "enquadrar" socialmente.

Passei a refletir muito e me perguntar qual era o meu papel diante do que eu estava percebendo e descobrindo, mas quando descobri que minha gestação daria luz a uma menina, junto a todas as questões que envolvem o despertar (muitas vezes desesperador) da maternidade, decidi que tinha que fazer diferente, não queria ela tendo estas mesmas "dores"... como eu faria, como agiria/falaria/me portaria? Como eu lidaria com essas questões? Fiz dois cortes que tiraram, bem dizer, toda a química. Passei a usar turbantes. Passei a me enxergar e me entender melhor quando assumi meu cabelo. No final de 2015 comecei a usar tranças para estimular o crescimento. Nesta caminhada de (re)descobertas e estudos, passei a fazer parte de alguns movimentos que contribuíram muito no fortalecimento, resistência e valorização desta estética que me (re)compõe. Hoje percebo que, muito mais do que questão estética, nosso corpo também perpassa por uma ética que nos representa. Hoje eu valorizo e percebo que este fato também é parte de uma militância. Porque tornar-se mulher e negra é algo incômodo socialmente, é um ato político... porque é estar na contramão de uma sociedade subversiva que a todo tempo nos "informa" o contrário e associa tudo que há de negativo à imagem dos negros. Resgatar, valorizar e autoafirmar minhas raízes fortalece minha verdadeira origem, me fazendo (re)estabelecer minha identidade cultural que foi "arrancada" quando reis e rainhas do continente Africano chegaram nos porões dos navios negreiros. É respeitar a ancestralidade, àqueles que lutaram para que hoje tivéssemos condições melhores, ainda que esta luta continue. Hoje assumo meu cabelo rastafári, minha identidade cultural enquanto mulher negra e capoeirista. Mas só eu sei os olhares que ainda me cruzam nos locais que frequento... faculdade, ambiente profissional, supermercados... a diferença é que hoje levanto minha cabeça e encaro bem nos olhos daquele que tenta me oprimir!

A idade adulta de C é marcada pelo que ela nomeia de “despertar”, ou seja, é a fase em que ela passa a reconhecer-se uma mulher negra, e isso acontece por conta da sua nova relação com os cabelos e com o corpo. Como dito no início desse trabalho, os cabelos são parte fundamental na identidade das mulheres, e as mulheres negras, em especial, desenvolvem, ao longo da vida, uma relação conflituosa e dolorosa com essa parte do corpo.

A interlocutora C conta que, desde 2012, não tratava mais seus cabelos com químicos relaxantes, mas foi a gestação que fez com que ela decidisse abandonar de vez a ideia de alisamento. A gestação consiste em um período de modificações psicológicas e corporais, para C, esse período também se apresentou como uma fase de grandes expectativas, pois ela revela o desejo de agir diferente do modo de agir de sua mãe durante a sua infância.

As adjetivações “capoeirista” e “rastafári” utilizadas por C para caracterizar-se revelam que ela advoga em favor de uma identidade negra afirmativa, que não está preocupada apenas com questões estéticas, mas com aquelas que dizem respeito à cultura negra e aos seus elementos ancestrálicos. Além disso, a capoeira e o rastafári são elementos oriundos de culturas negras, e C faz questão de afirmar-se corporalmente a partir desses modelos.

O campo da cultura e da política também são considerados instrumentos importantes de luta pela interlocutora C, de reconhecimento e representatividade:

Em 2012 comecei a participar do grupo do Facebook chamado Gurias Crespas e Cacheadas e em 2016 passei a integrar a equipe de moderadoras deste grupo. Foi deste que também surgiu a ideia de realizar a Marcha do Orgulho Crespo no RS, movimento que nasce em SP em 2015 e hoje é nacional. Realizamos a primeira marcha no mesmo ano, no mês de novembro em alusão ao mês da Consciência Negra. O GCC é um grupo de apoio que busca ser um facilitador de troca de informações e experiências para meninas que estão em transição capilar, passam pelo BC, bem como aprender e descobrir como cuidar de seus cabelos, sejam eles crespos ou cacheados. Hoje o grupo já está com um "olhar" mais amplo perante esta questão, de não ser somente tratado os assuntos de cabelo, mas também como uma porta para a (re)descoberta e (re)conexão com a nossa história, com as nossas culturas, com nosso perceber-se negro nesta sociedade de padrão eurocêntrico. Já o movimento nacional da Marcha do Orgulho Crespo visa valorizar a estética afro-brasileira através do (re)conhecimento da identidade e da ancestralidade pela livre expressão do cabelo natural e do empoderamento da mulher negra na sociedade. Sabemos que se

nossa estética não é valorizada, como enxergaremos nossas belezas, e até mesmo qualidades?

São quase setenta anos na luta da afirmação estética como identidade na diáspora, em que o cabelo e nossos traços sobressaem aos padrões de beleza eurocêntricos para se afirmar como instrumento de resistência e cultura. Nossa estética foi e é símbolo que transcende as fronteiras da beleza. É significado de luta e "reverência" aos nossos ancestrais, bem como a determinação em manter viva a identidade de quem lutou por nossos direitos; é resgatar nossa identidade, nossa essência. De forma consciente, não percebemos o impacto do racismo e a violência à qual nos sujeitamos para nos tornarmos aceitos na sociedade. Aceitação que vai além de nossa real valorização pessoal, que afeta nossa autoestima, nossa saúde física, mental e psíquica; aceitação que afeta até mesmo a forma de nos enxergar e ver o mundo a nossa volta.

Para muitos pode parecer algo apenas superficial e sem importância. Nossa identidade começa pelo nosso reconhecimento e aceitação perante o nosso próprio olhar... muitas vezes o cabelo é uma porta para a descoberta de um outro mundo. Quando se (re)conhece a importância que esse cabelo tem, que ele é um símbolo de resistência e é coroa ancestral, nossa percepção muda... porque quando estamos mais alinhados esteticamente, nos amamos e nos aceitamos como realmente somos.

O grupo "Gurias Crespas e Cacheadas" ocupa um lugar bastante importante na vida dessa interlocutora, pois ele lhe proporcionou criar novas redes de sociabilidade, o que fez com que ela e mais duas parceiras pudessem organizar uma marcha grandiosa.

A I Marcha do Orgulho Crespo (Figura 28), realizada em Porto Alegre, em novembro de 2015, foi um evento disparador da programação da Semana de Consciência Negra naquele ano. O evento foi amplamente divulgado, tendo notícias sobre ele em jornais, rádios e emissoras locais de televisão. A marcha partiu do parque da Redenção e terminou no Largo Zumbi dos Palmares, onde havia diversas barracas com empreendedores e músicos negros mostrando os seus trabalhos.

Figura 28 – I Marcha do Orgulho Crespo na cidade de Porto Alegre



Figura 28 - Fonte: (<https://negraecrespa.com/2015/11/23/marcha-do-orgulho-crespo-em-porto-alegre/#jp-carousel-691>).

A ressignificação da corporalidade negra, nesse caso, pode ser pensada em termos de representatividade e política, como aponta a antropóloga Laura Cecília López, em seu estudo sobre mulheres afro-uruguayas:

Como refleti na tese de doutorado, a crítica social do movimento de mulheres negras se faz “corpo” ao atribuir a “mestiçagem” latino-americana à violência sexual dos homens brancos colonizadores sobre as mulheres africanas e indígenas. Esta violência de gênero e raça aparece como o ponto inicial de uma narrativa subalterna que critica o colonialismo do ponto de vista do corpo que a sofre e produz uma identificação afro-diaspórica. O corpo enquanto território político supõe, na visão do feminismo negro, a concepção de que as mulheres negras compartilham um ponto de vista singular, perspectiva ancorada nas diferenças reunidas nos seus próprios corpos que conjugam as dores e os paradoxos que marcaram historicamente as vidas dessas mulheres na diáspora. (LÓPEZ, 2013, p.42)

A autora chama a atenção para a necessidade de compreendermos gênero e raça, mostrando como essas categorias foram articuladas na mobilização da luta dessas militantes uruguayas. De maneira semelhante, a marcha organizada por C leva às ruas mulheres que estão na luta por visibilidade, representatividade e empoderamento através da estética.

Ao falar que o “cabelo é a porta de entrada para outro mundo”, C faz referência aos desdobramentos possíveis a partir do momento em que a

corporalidade passa a ser repensada, assim pode-se inferir que o cabelo é mais que uma expressão identitária, ele é uma nova maneira de se perceber e de se relacionar com o mundo.

Nessa luta por afirmação estética, alguns símbolos entram no centro da discussão, dentre os quais talvez o turbante seja o elemento mais polêmico. Enquanto indumentária em cultos religiosos de matriz africana, o turbante tem sido utilizado também como adereço estético em situações cotidianas. Na página do grupo no Facebook, podem ser encontrados alguns vídeos e resenhas que ensinam algumas amarrações. No grupo não há dúvida de que utilizar a peça fora do culto religioso representa uma prática normal e legítima para as mulheres negras. Porém se ele for visto na cabeça de uma mulher branca, torna-se alvo de diversas discussões e disputas.

Durante a I Marcha do Orgulho Crespo, muitos eram os cantos e as palavras de ordem: “meu turbante, minha coroa”. Foi um brado emitido muitas vezes durante a caminhada. No grupo, as opiniões se dividem muito, entre aquelas que acham que mulheres brancas não devem usar a indumentária e outras que acham que não há nenhum problema. Para aquelas que não concordam com o uso por pessoas brancas, o turbante é considerado um elemento que faz parte da cultura negra e, portanto, não deve ser usado como algo do mundo da moda (Figura 29).

Figura 29 – Atriz Débora Secco Usando Turbante



Figura 29 - Fonte: (Arquivo pessoal, imagem recebida via WhatsApp).

C afirma ter passado a usar o adereço após o abandono da química e dos cortes que fez no cabelo, e o caso dela é bastante similar ao de outras componentes do grupo que passaram a utilizar a indumentária após o retorno à textura original dos cabelos. Pode-se dizer que o turbante atua no jogo discursivo de afirmação étnica e que mais que um simples adereço ele passa a ser alvo de disputas de legitimidade.

No período em que realizei o trabalho de campo, participei de alguns encontros do grupo e fora dele que versavam sobre o tema do turbante. Certamente, os encontros mais marcantes sobre o tema, durante esse período, foram as rodas de conversa sobre apropriação cultural. C estava em uma delas, mas na ocasião não pude compreender qual era o seu posicionamento.

Uma dessas rodas de conversa era exclusivamente para pessoas negras, não sendo convidadas e nem permitida a presença de pessoas brancas. Mesmo assim, se dividiam as opiniões entre os negros que “aceitavam” e os que “não aceitavam” pessoas brancas usando turbante. Aqueles que não concordavam com uso de turbantes por pessoas brancas usaram como argumento a “apropriação cultural”, ou seja, quando uma etnia se apropria de elementos da cultura de outra etnia.

Como pesquisadora, o que me chamou a atenção em toda essa discussão foi a compreensão da palavra cultura. E para justificar o argumento de apropriação, diz-se que o turbante é um elemento da cultura negra, e quando usado por negros esse adereço é hostilizado e marginalizado, mas quando usado por brancos é interpretado como bonito ou “da moda”.

A compreensão de que existe uma cultura negra pode conduzir a diversas problematizações feitas no campo da antropologia. Em *A invenção da cultura* (2010), Roy Wagner propõe um exercício de deslocamento ao trabalhar com o conceito de cultura pelo viés da invenção, citando a dimensão criativa e inovadora do conceito. A aproximação com o campo da arte é possível e, assim, pode-se compreender a cultura como algo que não está pronto nem dado, ao invés disso é possível trabalhar com ela de maneira aberta, reconhecendo sua criatividade por parte dos “nativos”.

O problema da cultura, nesse contexto, é o mesmo do continente africano, citado anteriormente; é supor que existe uma cultura negra homogênea, que seja possível de representação através de alguns elementos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais retorno ao eixo organizador desta dissertação e ao propósito de refletir sobre como a corporalidade, a subjetividade e a etnicidade se articulam compondo novas maneiras de ser e de estar no mundo. Durante a pesquisa constatei que as novas maneiras de ser mulher negra passam, necessariamente, por experiências estéticas, e que os cabelos se tornam um elemento central e disparador dessas novas maneiras, possibilitando outras sensibilidades étnicas.

Essas sensibilidades, construídas junto ao “Grupo Gurias Crespas e Cacheadas”, traduzem e são traduzidas por elementos discursivos. Ao serem colocados no plano coletivo, esses elementos conformam regras de como falar e sentir positivamente em relação aos outros em uma sociedade racista, o que denominei, aqui, de “gramática étnica”. No caso analisado, essa gramática é potencializada pelo grupo de ativismo e apoio mútuo que institui uma narrativa padrão sobre a linha do tempo “individual”, valorizando aspectos de uma estética negra construída junto a memórias e afetos produzidos coletivamente. A manutenção dessa estética está vinculada a outra instância de construção dessas sensibilidades, na qual produtos capilares, brinquedos, propagandas e revistas fornecem ingredientes fundamentais, seja para a rejeição de velhos padrões, seja para novas formas de reconhecimento de si.

No caso estudado, identifiquei a recorrência de uma “narrativa padrão” que organiza o passado e constrói o presente e o futuro dessa experiência de corporalidade, etnicidade e subjetividade, da qual destaco os seguintes aspectos:

(1) a escola e a mídia são reconhecidas como agentes produtores e reprodutores de imagens ruins em relação ao corpo dos negros;

(2) o passado é representado por uma experiência triste, no qual a infância aparece como uma fase de desvalorização e constrangimento social por conta do cabelo crespo;

(3) a boneca Barbie, apesar de ter feito parte da infância de muitas meninas, destaca-se por sua inadequação enquanto um modelo de identificação para mulheres negras;

(4) a percepção atual de que os brinquedos e as histórias apresentados na infância impunham um modelo alheio à experiência corporal e subjetiva das crianças;

(5) a adolescência é representada como uma fase de rompimento com a infância, marcada pelo início dos tratamentos com químicos para alisar os cabelos.

(6) a percepção de um presente mais consciente, atribuindo valores positivos ao corpo, à etnia e à estética - ocasionando um aprendizado dos novos produtos e práticas de embelezamento dos cabelos “afro”;

(7) a crença em um futuro “empoderado”, principalmente pela maneira de transmitir os valores positivos aos filhos.

Os cabelos representam, portanto, uma “porta de entrada” para um outro mundo e são as intervenções feitas sobre ele que permitem uma nova presença corporal para essas mulheres. É na construção dessa nova presença que o “nosso” cabelo remete à ideia de um sistema de compartilhamento experiencial étnico feminino, considerando-se que quando o “nosso” é acionado, as diferenças a respeito do tipo de ondulação entre os vários crespos e cacheados individuais são esquecidas, dando lugar a um modelo de cabelo que é partilhado por todas: “black”, “natural” ou “afro”.

Estando o cabelo no centro da compreensão de uma nova corporalidade, destaco que para as três interlocutoras entrevistadas nesta pesquisa, o ano de 2012 parece ter sido o ano-chave, pois foi quando deram início à transição capilar e também à jornada acadêmica. Essa concomitância pode sugerir que as novas subjetividades implicam outras formas de interagir no mundo. Nesse caso, o ingresso no ensino superior serviu também como uma nova forma “objetiva” de estar no mundo.

Estou, portanto, me referindo ao que foi apresentado na introdução desta dissertação sobre as duas vias da corporalidade. Em uma delas, o “corpo socialmente informado” é portador das histórias individuais e coletivas que orientam as formas de estar no mundo; em outra, a presença corporificada no mundo está constantemente imprimindo significados aos contextos em que está inserida. O que tentei mostrar nesta dissertação é que o grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” faz um trabalho de mediação entre esses dois sentidos da corporalidade. Ao organizar uma “narrativa padrão” para as várias histórias individuais, o grupo explicita as informações do “corpo socialmente informado”, trabalhando os sentimentos de um

passado desvalorizado. Através do Facebook e Whatsapp o grupo trabalha pedagogicamente a nova estética capilar que é chave para a nova corporalidade étnica positivada, cuja presença nos diferentes espaços que frequenta imprime novos sentidos no mundo. Além disso, ao promover os encontros coletivos ao ar livre, no centro e nos principais parques da cidade, sob o entendimento de que “Queremos ser vistas”, “É muito chocante pra essa gente branca de Porto Alegre ver mais de vinte pretas sentadas em roda num sábado à tarde”, “A visibilidade também é política!”, o grupo faz um investimento público pela resignificação da história da presença negra em Porto Alegre.

O grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” busca um referencial estético de “matriz africana”. A ideia de África enquanto um continente heterogêneo é responsável por proporcionar um modelo unificado e ideológico de negritude. Porém se as inspirações são do continente africano, o vocabulário não. As nomenclaturas relacionadas à posituação estética são de inspiração norte-americana - “*low poo*”, “*big chop*”, “*black power*” – correspondem aos modos de referir-se aos cabelos ou aos cuidados com eles. Esses termos são inspirados em vídeos e blogs das mulheres negras norte-americanas.

Concluo com uma atualização sobre as dinâmicas do grupo “Gurias Crespas e Cacheadas”: nos dias atuais, o grupo permanece se encontrando nos espaços *online*, principalmente através do WhatsApp. A modalidade presencial dos encontros, atualmente, está dispersa e há dois eventos de cultura negra em que as participantes do grupo têm marcado presença: o primeiro evento ocorre uma vez por ano, no mês de novembro, fazendo menção ao dia da consciência negra, quando ocorrem eventos (feiras, rodas de conversa e oficinas de tranças) que antecedem a Marcha do Orgulho Crespo. Parte do grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” participa da marcha, e duas das administradoras são também organizadoras das marchas.

A outra atividade é o “Projeto Através do Espelho”, o qual promove eventos a cada três meses, sempre com um tema específico relacionado à estética negra. Os eventos ocorrem na Casa de Cultura Mário Quintana, no centro de Porto Alegre. No último evento do projeto, ocorrido no mês de setembro de 2017, o tema foi maquiagem para pele negra.

Por mais que o formato dos encontros tenha mudado, o grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” permanece ativo e explorando novas formas de associação.

A Marcha do Orgulho Crespo e o Projeto Espelho indicam outras modalidades de relacionamento grupal e também a extensão e permanência das redes de contato.

REFERÊNCIAS

ABHU-LUGOD, Lila; LUTZ, Catherine. 1990. “Introdução”. In: LUTZ, C.; ABHU-LUGOD, L.(eds). **Language and the politics of emotion: Studies in emotion and social interaction**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press. 217 p.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA Lucina. **Netnográfica como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Famecos/PUCRS. Porto Alegre n 35 o 20 dezembro 2008.

BARCELLOS, Daysi. “**Família e Ascensão Social de Negros em Porto Alegre**”. Tese de doutorado PPGAS-UFRJ, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1996.

BIEHL, João; GOOD, Byron; KLEINMAN, Arthur. **Subjectivity: ethnographic Investigations**. Berkeley: University of California Press, 2007.

BIGOSSI, Fabiela. **Trajetórias universitárias: estudo etnográfico da construção de projetos de vida dos estudantes negros em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado PPGAS – UFRGS. Porto Alegre, 2009.

BIHEL, João Guilherme. **Vita: life in a zone of social abandonment**. University of California Press Berkeley and Los Angeles, California. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. São Paulo. Zouk, 2006.

BROMBERGER, Christian. **Trichologiques, une anthologie des cheveux et des poils**. Bayard, 2010.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia. 2011. “**Introdução. O campo da antropologia das emoções**”. In: COELHO, M. C.; REZENDE, C.(eds) **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. 1ªed. Rio de Janeiro: Contracapa. 220 p.

COELHO, Maria Claudia. **Narrativas da Violência: a dimensão micropolítica das emoções**. MANA 16(2): 265-285, 2010

CSORDAS, Thomas. **A corporeidade como um paradigma para antropologia**. In: *Corpo/ Cura/ Significado*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p.165 a 220.

CSORDAS, Thomas. **Embodiment as a paradigm for anthropology**. *Ethos*, v. 18, n. 1, p. 5-47, 1990.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

DAS, Veena. **Critical events: an anthropological perspective on contemporary India**. New Delhi: Oxford University Press, 1996.

DAS, Veena. **The act of witnessing: violence, knowledge, and subjectivity**. In: DAS, V. et al. (Org.). *Violence and subjectivity*. Berkeley: University of California Press, 2000.

DAS, V.; KLEINMAN, A.; LOCK, M.; RAMPHELE, M.; REYNOLDS, P. (Org). ***Remaking a world: violence, social suffering and recovery.*** Berkeley, Los Angeles e Londres. University of California Press, 2001.

DIFRUSCIA, K. **Listening to Voices: an Interview with Veena Das.** *Altérités*, vol. 7, no 1, p. 136-145, 2010.

EDMONDS, Alexander. **The Biological Subject of Aesthetic Medicine.** *Feminist Theory* 14(1):65-82. 2013.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro emergente.** In: _____. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto.** Petrópolis: Vozes, 2013 [1983], p.39-70.

FASSIN, Didier. **When bodies remember: experiences and politics of AIDS in South Africa.** Berkeley: University of California Press. 2007.

FASSIN, Didier_. **Uma trajetória antropológica: entrevista com Didier Fassin.** *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 257-279, jul. /dez. 2011.

FIGUEIREDO, Ângela. **Cabelo, Cabeleira, Cabeluda e Descabelada: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros.** XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais Caxambu, outubro de 2002.

FLECK, Ludwik. 2010. **Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico.** Belo Horizonte: Fabrefactum.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GADEA, Carlos Alfredo. **Negritude e pós-africanidade: Crítica das relações raciais contemporâneas**. Sulina. Porto Alegre/ RS, 2013.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **“Posso tocar no seu cabelo? ” Entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re)construção identitária?** Dissertação de Mestrado. UFSC. 2017

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação nº21 Setembro/ Dezembro. 2002

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, v.18, n.37, 2012, p.25-44.

JESUS, Jaqueline. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília, 2002.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator Rede**. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

LÉVI-STRAUSS. **O totemismo hoje**. Editora Vozes. Petrópolis. 1975.

LIMA, Maiana; Silva, Patrícia M. **Valores civilizatórios africanos em performance:** Emicida, Livia, Natália e Guellwar Adún. Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas - SIALA 22 a 26 de setembro de 2014 Salvador – BA

LIMA, Solange Martins Couceiro. **Reflexos do Racismo “á brasileira na mídia.”** IN: Revista USP, São Paulo, dezembro/ fevereiro 1996 - 97. p.56 – 65.

LÓPES, Laura Cecília. **A mobilização das mulheres negras no Uruguai: Considerações sobre interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade.** Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana.n.14. P.40-.65. 2013.

LÓPES, Laura Cecília. **O local e o transnacional nas negociações pela inclusão da categoria afrodescendente no censo argentino.** Revista Mediações Londrina, v. 10, n. 2, p.163-182, jul./dez. 2005

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo, Editora Contexto. 2014.

MAGALHÃES, Célia & PINHEIRO, Viviane Seabra. **A Representação de Atores Sociais Em Capas Da Revista "Raça Brasil"**. 33rd International Systemic Functional Congress. 2006

MATTOS, Ivanilde Guedes. **A negação do corpo negro: representações sobre o Corpo no ensino da educação física.** Tese de Doutorado. PPGEduc – UNEB. Salvador, 2007.

MAUSS, Marcel . **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MELO, Roberto. **Gênero e raça em revista: Debate com os editores da revista Raça Brasil**. Cadernos Pagu (6-7) 1996: pp.241 -296.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of perception**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1962.

MILLER, Daniel. **Etnografia On e Off-Line: Cybercafés** Em Trinidad. IN: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan. /jun. 2004.

MUNANGA, Kabenguele; GOMES, Nilma Lino. **Para Entender o Negro no Brasil Hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos**. 2º Ed. Global. São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. IN: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2006.

OLIVEN, Ruben George: **A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

REZENDE, Claudia; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra**. Salvador, Edufaba/ Pallas. 2004.

SANTOS, Maria de Fátima de S.; NETO, Manoel de Lima A.; SOUZA, Yuri de Sá de O. **Adolescência em revistas: um estudo sobre representações sociais.**

Psicologia: Teoria e Prática – 2011, 13(2):103-113.

SILVA, Tatiana Dias. **Panorama Social da População Negra.** IN: **Igualdade Racial no Brasil: Reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes**, SILVA, Tatiana Dias, GOES, Fernanda Lira (Orgs). Brasília, IPEA. 2013.

SIMMEL, George. **O Dinheiro na Cultura Moderna.** In: Jessé Souza e Berthold Oëlze (orgs). *Simmel e a Modernidade*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 23-40.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza.** Rocco. Rio de Janeiro, 1992.

VALENTIM, Danielle Rodrigues de Souza. **Mercado de Bens Simbólicos: representações visuais de negras e negros na fotopublicidade brasileira.**

Linha “To de cacho” – Crespíssimo Poderoso. Disponível em: <http://bellasperfumaria.com.br/1331-thickbox_default/creme-de-pentear-salon-line-to-de-cacho-> Acesso em: 1 set. 2017

“Eu sei o que você fez na química passada”. Disponível em: <<http://www.lola.ind.br/> > Acesso em: 1 set. 2017

“Meu Cabelo, minha vida” da Lola Cosméticos. Disponível em: <<http://www.lola.ind.br/> > Acesso em: 1 set. 2017

“Milagre!” da Lola Cosméticos. Disponível em: <<http://www.lola.ind.br/> > Acesso em: 1 set. 2017

1º Edição da revista Raça Brasil. Disponível em:
<<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/102/artigo28397-1.asp>> Acesso em: 1 set. 2017

Antes e depois do Mega Hair. Disponível em:
<<http://www.muitochique.com/cabelo/mega-hair-estraga-cabelo-2.html>> Acesso em: 1 set. 2017

Atriz Débora Secco usando turbante. Disponível em: <Arquivo pessoal, imagem recebida via WhatsApp> Acesso em: 1 set. 2017

Barbie Negra Norte-americana. Disponível em:
<<http://www.michiganbarbiedolls.com/barbienegras>> Acesso em: 1 set. 2017

Barbie Princess of South Africa. Disponível em:
<<http://www.michiganbarbiedolls.com/barbienegras>> Acesso em: 1 set. 2017

Boton comemorativo do III Encontro das Gurias Crespas e Cacheadas. Disponível em: <Arquivo pessoal> Acesso em: 1 set. 2017

Cabelo antes e depois do relaxamento. Disponível em:
<<https://www.Facebook.com/institutobelamulata/>> Acesso em: 1 set. 2017

Campanha publicitária da Cerveja Devassa. Disponível em:
<<http://www.mcnadv.com.br/noticias/migalhas-com-br/nao-e-ofensiva-propaganda->> Acesso em: 2 set. 2017

Edição 197 da Revista Raça Brasil. Disponível em:
<<http://redebomdia.com.br/noticia/detalhe/88074/revista-raa-celebra-o-dia-da-consciencia-negra>> Acesso em: 1 set. 2017

Esquerda para direita; chapinha quente, pente quente, tesoura quente e tesoura quente. Disponível em:
<<http://negrarosarosanegra.blogspot.com.br/2011/01/cabelos.html>> Acesso em: 1 set. 2017

Fachada do salão de beleza Marujo. Disponível em: <Arquivo pessoal> Acesso em: 1 set. 2017

Fantasia de Nega Maluca no carnaval. Disponível em:

<<http://arquivo.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-mundo/15899-y-a-bonbanania-e-a-influencia-continua-no-estereotipo-do-negro>> Acesso em: 1 set. 2017

Henê fora da embalagem. Disponível em:

<<http://www.divinabelezamulher.com/2015/07/hene-divina-dama-gel-bisnaga.html>> Acesso em: 1 set. 2017

Henê Pelúcia. Disponível em:

<<https://cabelobelezaesaude.blogspot.com.br/2012/11/hene-em-gel-pelucia-tratamento-para-os.html>> Acesso em: 1 set. 2017

I Marcha do Orgulho Crespo na cidade de Porto Alegre. Disponível em:

<<https://negraecrespa.com/2015/11/23/marcha-do-orgulho-crespo-em-porto-alegre/#jp-carousel-691>> Acesso em: 1 set. 2017

Linha “To de cacho” da Salon Line. Disponível em:

<<http://3.bp.blogspot.com/7u968b7WxGg/VhR4HA7SKI/AAAAAAAAAG3o/JLxjlr3htMg/s1600/to-de-cacho-salon-line.png>> Acesso em: 1 set. 2017

Montagem com a Globeleza Naiara Justino. Disponível em:

<<https://martinsogaricgp.blogspot.com.br/2014/01/globeleza-ou-globo-feiura.html>> Acesso em: 1 set. 2017

Mulheres africanas do povo Khoisan. Disponível em:

<[http://historianointerior.blogspot.com.br/2013/06/africa-o-berco-da-historia->](http://historianointerior.blogspot.com.br/2013/06/africa-o-berco-da-historia-) Acesso em: 1 set. 2017

Mulheres negras trabalhando durante o período colonial. Disponível em:

<[http://a-historia-do-trabalho-escravo.webnode.com/blog/>](http://a-historia-do-trabalho-escravo.webnode.com/blog/) Acesso em: 4 set. 2017

Parte do mapa de Porto Alegre. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/porto+alegre> > Acesso em: 1 set. 2017

Relaxamento Afrohair. Disponível em:

<<http://www.lojasrede.com.br/produto/creme-relaxante-permanente-afro-hair-500g-124141>> Acesso em: 1 set. 2017

Reprodução do cartaz onde era anunciada a Vênus Negra. Disponível em: <<http://1.bp.blogspot.com/>-> Acesso em: 1 set. 2017

Revista Afro. Disponível em: <<https://www.edminuano.com.br/afro-brasil-7512>> Acesso em: 1 set. 2017

Tipos de Cabelo. Disponível em: <<http://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/>> Acesso em: 1 set. 2017

Todas as gerações de Globelezas, por ordem de sucessão. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/globeleza-voce-lembra-de-todas-as-mulatas-davineta-de-carnaval-da-globo_a37699/1> Acesso em: 1 set. 2017

<<http://1.bp.blogspot.com/EA7mOWVEfcA/T1aZpiP6LVI/AAAAAAAAAMo/StbGRZDz4qw/s1600/lavenus-noire.jpg>> Acesso em: 1 set. 2017

<<https://escrevivencia.wordpress.com/2013/01/11/a-venus-negraamulata-exportacao-e-o-corpo-da-mulher-negra-na-sociedade-do-espetaculo/>> Acesso em: 1 set. 2017

<<http://www.geledes.org.br/nega-maluca-black-face-e-racismo/>> Acesso em: 1 set. 2017

<<http://www.afreaka.com.br/notas/black-power-instrumento-de-resistencia-e-cultura/>> Acesso em: 1 set. 2017

<<https://www.letras.mus.br/chico-cesar/134011/>> Acesso em: 1 set. 2017

<<http://cps.fgv.br/>> Acesso em: 1 set. 2017

<<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 1 set. 2017

<<https://omelete.uol.com.br/emmy/>> Acesso em: 1 set. 2017

<<http://tvbrasil.ebc.com.br/novelawindeck>> Acesso em: 1 set. 2017

<http://www.huffpostbrasil.com/2017/02/27/viola-davis-e-a-1-mulher-negra-a-ganhar-oscar-emmy-e-tony-de-a_a_21722384/> Acesso em: 1 set. 2017